

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS – INGLÊS**

INGRID CAROLINE BENATTO

LORD VOLDEMORT E ADOLF HITLER: *RETRATOS DO MAL*

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2015

INGRID CAROLINE BENATTO

LORD VOLDEMORT E ADOLF HITLER: *RETRATOS DO MAL*

Trabalho de Conclusão de curso, apresentado à disciplina de TCC 2, do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marcia Regina Becker

CURITIBA

2015



TERMO DE APROVAÇÃO

LORD VOLDEMORT E ADOLF HITLER: RETRATOS DO MAL

Por

INGRID CAROLINE BENATTO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em vinte e sete de novembro de dois mil e quinze como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado no curso de Letras Português/Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Maria Regina Becker
Professora orientadora

Regina Helena Urias Cabreira
Membro titular

Flávia Azevedo
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

AGRADECIMENTOS

Agradeço, principalmente à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Marcia Becker, que forneceu toda a assistência necessária à elaboração de um trabalho deste porte, e desde as aulas de Literatura de Língua Inglesa do Século XX mostrou que há mais do que uma história infantil em “Harry Potter”.

Aos meus pais, que me apoiaram nesta longa caminhada e garantiram que minha única preocupação enquanto estudante fosse estudar.

Aos colegas de Letras, agradeço por partilharem do meu entusiasmo pelo tema que escolhi, pela boa convivência ao longo destes anos e pelo apoio no decorrer deste estudo.

Às professoras Flávia Azevedo e Regina Cabreira, membros da banca, pela atenção dedicada ao meu trabalho.

Agradeço também aos professores do curso de Letras, em especial aos professores de Língua Inglesa, que me proporcionaram o conhecimento para o aproveitamento das aulas de Literatura de Língua Inglesa, sem as quais este trabalho nunca poderia ser realizado.

Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remedia-los. (Harry Potter e as Relíquias da Morte – O filme)

BENATTO, Ingrid Caroline. **Lord Voldemort e Adolf Hitler: Retratos do mal**. 2015. 57 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Letras Português-Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2015.

RESUMO

O presente trabalho está inserido na área de Literatura de Língua Inglesa do século XX e XXI, e tem como principal objetivo realizar um estudo das obras da série “Harry Potter”, comparando o personagem Lord Voldemort ao ditador alemão Adolf Hitler, conhecido por sua atuação na Segunda Guerra Mundial, tendo como ponto de partida o mal praticado por eles, bem como as semelhanças e diferenças entre a política antissemita predominante no Terceiro Reich e a crença na superioridade dos bruxos puro-sangue nas obras literárias. Para cumprir o objetivo proposto, além de questões teóricas sobre a personagem do ponto de vista literário, serão estudadas as biografias de Adolf Hitler “O Hitler da História”, de John Lukacs (1998), “Hitler”, de Joachim Fest (1976), e também a obra “Mein Kampf” (2001), escrita pelo ditador, que proporcionarão embasamento teórico sobre a figura histórica. Além da fundamentação biográfica, serão utilizadas as teorias sobre a origem e manifestação do mal de Santo Agostinho, bem como as considerações posteriores dos filósofos Boécio e Hannah Arendt. Além das semelhanças entre as ideologias relacionadas às questões de pureza racial dos dois personagens, verificaram-se diversos pontos comuns nas relações de ambos com suas respectivas figuras paternas. Também foram encontradas similaridades entre as formas de manifestação do mal que engendraram.

Palavras-chave: Harry Potter. Adolf Hitler. Antissemitismo. Puro-sangue. Mal.

BENATTO, Ingrid Caroline. **Lord Voldemort and Adolf Hitler: *Portraits of evil***. 2015. 57 pages. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Letras Português- Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2015.

ABSTRACT

This work is inserted in the English Literatura area of the twentieth and twenty-first century, and aims to conduct a study of the "Harry Potter" books series, comparing the character Lord Voldemort to the German dictator Adolf Hitler, known for his role in the World War II, taking as its starting point the evil caused by them, as well as the similarities and differences between the prevailing anti-semitic policy in the Third Reich and the belief in the superiority of pure-blood wizards in the literary works. To achieve our objective, besides theoretical aspects from literary studies, the following biographies about Adolf Hitler will be studied: "The Hitler of History" by John Lukacs (1998), "Hitler" (1976) by Joachim Fest, and also "Mein Kampf" (2001), written by the dictator, which will provide theoretical background on the study about the historical figure. Also, we will use theoretical studies on the literary character, and theories concerning the source of evil according to St. Augustine's and the subsequent considerations of Boethius, as well as the theory of the philosopher Hannah Arendt. Apart from the similarities between their ideologies and its relation with racial purity questions, both characters had similarities between their relation with their father figure. We also recognized the resemblance between the manifestation of evil of them.

Keywords: Harry Potter. Adolf Hitler. Anti-semitism. Pure-blood. Evil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 A QUESTÃO DOS PERSONAGENS	8
2.1 A PERSONAGEM NA FICÇÃO	8
2.1.1 AS ORIGENS	13
2.1.2 A VIDA ESCOLAR	16
2.1.3 A ASCENSÃO DO LORDE DAS TREVAS	16
2.1.4 A IDEOLOGIA PURO SANGUE NA FICÇÃO	17
2.2 A FIGURA HISTÓRICA	19
2.2.1 ADOLF HITLER - “QUERO SER GRANDE”	21
2.2.3 O PERSONAGEM HISTÓRICO	22
2.2.2 AS ORIGENS	23
2.2.4 A VIDA ESCOLAR	24
2.2.5 A ASCENSÃO DE UM DITADOR	26
2.2.6 A IDEOLOGIA PURO SANGUE NA VIDA REAL	28
3 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE VOLDEMORT E HITLER	31
3.1 OS LIMITES ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO	31
3.2 A FIGURA PATERNA	32
3.3 OS OBJETIVOS	33
3.4 AS CONQUISTAS	34
3.5 SANGUE PURO E EUGENIA	34
3.6 O CONTROLE DA IMPRENSA	37
3.7 A RESISTÊNCIA	38
4 AS DUAS FACES DO MAL	40
4.1 O MAL COMO DESVIO DO BOM CAMINHO	40
4.2 A BANALIDADE DO MAL	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50

1 INTRODUÇÃO

O primeiro livro da saga “Harry Potter” foi lançado no ano de 1997 e escrito pela britânica Joanne K. Rowling, conhecida como J.K, Rowling. A saga compreende sete volumes, posteriormente transformados em oito filmes, lançados entre os anos de 1997 e 2007, e foi responsável pela formação de uma geração de leitores. Os livros foram sucesso de venda traduzidos para 77 idiomas.¹

A história gira em torno de um garoto de cabelos pretos e óculos chamado Harry Potter, que aos onze anos descobre ser bruxo. A saga é ambientada, principalmente, na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, local onde Harry aprende sobre o mundo bruxo e o uso apropriado da magia ao lado dos bruxos Rony Weasley e Hermione Granger, que no decorrer da saga se tornam grandes amigos do protagonista.

Lord Voldemort, mais comumente chamado por “aquele que não deve ser nomeado” ou “Você-sabe-quem”, é o principal vilão da saga. Foi o assassino de Lílian e Tiago Potter, pais do garoto. Na ocasião, falha ao tentar matar Harry, quando este tinha apenas um ano. O principal conflito se dá entre os dois; em sua busca pelo poder e pela imortalidade, o vilão, juntamente com seus seguidores que se intitulam “Comensais da Morte”, comete diversas atrocidades contra o protagonista e outros personagens no decorrer dos sete livros da saga, até ser definitivamente derrotado no último volume.

No decorrer da série, mais claramente a partir do segundo volume “Harry Potter e A Câmara Secreta” (ROWLING, 2000), percebemos a distinção entre os bruxos nascidos em famílias bruxas, os puro-sangue, e em famílias nas quais nenhum membro possui poderes ligados à bruxaria, chamados de “trouxas”². Os bruxos nascidos trouxa são considerados por parte da comunidade mágica como sendo inferiores aos puro-sangue, e são, pelos adeptos desta ideologia, chamados de “sangue ruim”. A importância da pureza racial é defendida por Voldemort e seus aliados, que afirmam que bruxos de “sangue ruim” deveriam ser proibidos de praticar magia, e creem na superioridade da raça bruxa, especialmente dos bruxos puro-sangue em relação aos trouxas. Essa questão da pureza

¹ J.K. Rowling, **Os Livros**. Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR#/works/oslivros>

² A palavra *muggle* é utilizada em língua inglesa pela autora, e significa, originalmente, uma pessoa que não tem conhecimento ou não está familiarizada sobre determinada área ou assunto. Na saga, são as pessoas “normais”, que não conseguem realizar bruxaria ou mesmo que são completamente alheias ao mundo bruxo. A palavra “trouxa”, apesar de sua carga semântica bem mais negativa que a original em língua inglesa, foi utilizada nas traduções para o português. Todas as palavras em português utilizadas neste trabalho referentes à saga são oriundas da tradução utilizada (ROWLING, 1997-2007)

racial remete diretamente aos episódios ocorridos na Segunda Guerra Mundial.

Adolf Hitler, nascido na cidade austríaca de Baunau am Inn no ano de 1889, foi um político que é hoje conhecido por sua atuação na Segunda Guerra Mundial. É lembrado por ser um ícone da política antissemita, e pelo tratamento dispensado aos judeus (e outros indesejáveis) pelo partido nazista na época em que tinha a Alemanha sob seu poder. É considerado o grande responsável pelos aproximadamente 50 milhões de mortos durante a Segunda Grande Guerra, dos quais aproximadamente 6 milhões eram judeus vítimas do antissemitismo. A Segunda Guerra é lembrada pelo grande número de vítimas, pela destruição causada pelos conflitos e pelas bombas atômicas, e também pela política antissemita pregada na Alemanha nazista (e, conseqüentemente, expandida para os países ocupados).

O antissemitismo, que considera os judeus uma raça inferior, é, de muitas formas, similar à crença na superioridade dos bruxos puro-sangue. Além disso, a simetria entre Voldemort e Hitler já foi, diversas vezes, admitida por Rowling em entrevistas.

O objetivo geral deste trabalho é, analisando os efeitos maléficos das ações perpetradas por essas duas figuras, verificar sob quais aspectos Lord Voldemort e Adolf Hitler se assemelham ou diferem.

Os objetivos específicos são: realizar no segundo capítulo um estudo da personagem de ficção, utilizando os teóricos Beth Brait (2006) e Antônio Cândido (2009), que tratam do estudo da personagem literária. Além disso, neste mesmo capítulo, será feito um estudo da figura histórica Adolf Hitler, utilizando como aporte teórico as biografias escritas por John Lukacs (1998) e Joachim Fest (1976), e também a autobiografia “Mein Kampf” ou “Minha Luta” (2001), na tradução para o português, escrita e publicada pelo próprio Adolf Hitler.

Realizado um estudo da personagem de ficção e da personagem histórica, no terceiro capítulo, será traçada uma comparação das duas figuras, e serão apontadas suas principais semelhanças e diferenças, outro objetivo específico deste trabalho.

Considerando um estudo da manifestação do mal nas duas figuras como o quarto objetivo específico, uma vez que o estudo comparativo das duas figuras aqui proposto se dará tendo como pano de fundo as ações maléficas realizadas tanto na série literária, quanto no mundo real na época da Segunda Guerra, serão utilizadas as reflexões acerca da origem e manifestação do mal do filósofo Boécio (1998) e de seu precursor Santo

Agostinho (1995), bem como as considerações da teórica Hannah Arendt (1999) sobre o mal banalizado no intuito de verificar em que medida o mal fictício e o realizado no mundo real se assemelham ou diferem.

“Harry Potter” é uma série literária voltada para o público jovem-adulto, com diversos aspectos das obras que exigem reflexão e estudo para serem melhor compreendidos. Entre estes aspectos, podemos citar a relação com a Segunda Guerra Mundial, o que justifica a proposta deste trabalho. Além disso, um estudo aprofundado sobre a Segunda Grande Guerra é de grande importância, para que possamos entender com mais clareza um dos episódios mais obscuros da humanidade.

2 A QUESTÃO DOS PERSONAGENS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises da personagem fictícia Lord Voldemort, e da figura histórica Adolf Hitler, propostas no início deste trabalho. Na primeira seção, será realizado um estudo da personagem de ficção, utilizando como aporte teórico Antônio Cândido (2009) e Beth Brait (2006), que tratam especificamente de questões da personagem literária. Em seguida, será realizado o estudo da pessoa histórica Adolf Hitler, tendo como base teórica as biografias de Lukacs (1998), Fest (1976) e a autobiografia escrita por Hitler (2001).

2.1 A PERSONAGEM NA FICÇÃO

Segundo Cândido, a personagem é parte essencial de um romance, uma vez que as personagens vivem os fatos do enredo. De acordo com o teórico, “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (CÂNDIDO, 2009, p. 53)

O autor afirma ainda que é a personagem que permite a adesão efetiva do leitor, através de mecanismos como identificação e projeção. É também o elemento mais atuante de um romance, tendo pleno significado apenas quando vinculado ao contexto da obra.

Segundo Beth Brait, “as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção” (BRAIT, 2006, p. 11). O problema da personagem, de acordo com a autora, remete primeiramente ao pensador Aristóteles e às suas reflexões literárias publicadas na “Poética”, uma vez que foi o teórico foi pioneiro ao tratar dessa questão. A relação entre personagem e pessoa está diretamente ligado ao conceito de *mimesis* aristotélica, relacionado à “imitação do real” e à chamada verossimilhança - sentimento de realidade, aspecto importante numa obra literária. Sobre a questão da verossimilhança, Cândido ressalta:

Assim, a verossimilhança propriamente dita – que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção *igual* à vida), - acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil. (CÂNDIDO, 2009, p. 75) (grifos do autor).

Podemos afirmar que o conjunto de obras da série “Harry Potter” é um exemplo desta organização estética que é a verossimilhança, uma vez que, além de ser ligada à realidade, também possui coerência interna. O espaço da trama transita entre o mundo bruxo, que está organizado de maneira tal que apresenta toda uma sociedade, com costumes e tradições, e o mundo dos trouxas.

Sobre a relação entre pessoa e personagem, Cândido (2009) afirma que “o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem” (CÂNDIDO, 2009, p. 55). Além das semelhanças entre o ser vivo e o fictício, o autor atenta também para a importância das diferenças, que ajudam a “criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança” (*id*).

Cândido afirma também que, graças aos recursos de caracterização utilizados pelo autor para compor a personagem, esta é mais lógica e coerente do que a pessoa real. Isto logicamente se aplica ao personagem Lord Voldemort, cuja interpretação e análise de caráter é mais concreta do que de uma pessoa real.

O teórico apresenta ainda a comparação feita por E. M. Forster³ (1969 *apud* CÂNDIDO, 2009) entre *Homo fictus* e *Homo sapiens*. *Homo fictus*, de acordo com ele, não equivale ao *Homo sapiens*, pois apesar de viver segundo as mesmas linhas de ação e sensibilidade, a proporção é diferente. O mesmo Forster reconhece que “a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo” (CÂNDIDO, 2009, p. 64). Deve, portanto, ter relação com a realidade, para que seja, em algum nível, equivalente ao que conhecemos na vida real. Não é possível, entretanto, haver no romance uma cópia integral de um ser vivo. Isso se deve à impossibilidade de se “captar a totalidade do modo de ser duma pessoa” (CÂNDIDO, 2009, p. 65), à importância da criação artística, que neste caso seria totalmente dispensada, e, por último, porque “uma cópia dessas não permitiria aquele conhecimento específico, diferente e mais complexo, que é a razão de ser, a justificativa e o encanto da ficção” (*id*). Sendo assim, é necessário que o autor acrescente à personagem, no plano psicológico “a sua incógnita pessoal, graças à qual procura revelar a incógnita da pessoa copiada” (*id*).

Podemos avaliar a relação entre Hitler e Voldemort com base nas considerações feitas por Forster. Apesar de haver semelhança entre ambos, não se pode afirmar que Voldemort é totalmente equivalente à figura histórica. Podemos, como é objetivo deste trabalho, traçar uma linha de interpretação da personagem e avaliar em que medida se

³ FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre, Globo, 1969.

relaciona com a figura histórica, porém, em se tratando de um ser fictício, não haverá equivalência total.

Antônio Cândido também questiona: “no processo de inventar a personagem, de que maneira o autor manipula a realidade para construir a ficção?” (CÂNDIDO, 2009, p. 66). Ao responder essa pergunta, afirma que a personagem oscila entre um ente *reproduzido* ou *inventado*, e que nenhuma dessas alternativas existe em estado de pureza. Sobre essa questão, Cândido discorre, de forma resumida, sobre a teoria do romancista François Mauriac. Mauriac⁴ (1952 *apud* CÂNDIDO, 2009) afirma que, na construção da personagem, o essencial é inventado – as personagens nascem de pessoas vivas, a partir da memória do autor, mas não correspondem a elas. Daí a importância do chamado “princípio da modificação”, no qual o romancista aproveita o real sem, de fato, reproduzir a vida. Baseado nesse princípio, Mauriac apresenta uma possibilidade de classificação da personagem de acordo com o grau de afastamento da realidade, segundo a qual pode haver:

- I. Disfarce leve do romancista: são personagens de romances memorialistas;
- II. Cópia exata de pessoas reais: são personagens presentes em romances retratistas;
- III. Personagens inventadas, onde a realidade serve como “um dado inicial, servindo para concretizar virtualidades imaginárias” (MAURIAC, 1952 *apud* CÂNDIDO, 2009, p. 68).

Baseado nessas reflexões, Antônio Cândido admite que a personagem oscila entre dois pólos: o da invenção totalmente imaginária e o de uma transposição fiel de um modelo. Segundo essa possibilidade, a personagem pode ser:

- I. Transposta com certa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência direta interior, na qual o autor incorpora sua vivência, ou exterior, na qual há transposição de pessoas com as quais o autor teve contato direto;
- II. Transposta de modelos anteriores, reconstituídos indiretamente pelo autor, através de documentação ou testemunho, sobre os quais a imaginação do autor atua;
- III. Construídas a partir de um modelo real, posteriormente modificado pelo

⁴ MAURIAC, François, **La Romancier et ses Personnages**, Éditions Corrêa: Paris, 1952

escritor;

IV. Construídas em torno de um modelo conhecido (direta ou indiretamente), que serve como estímulo para o trabalho de caracterização, e pode resultar em algo completamente diferente do modelo;

V. Construídas em torno de um modelo real dominante, ao qual outros modelos secundários se juntam e são refeitos e reconstruídos pela imaginação;

VI. Elaboradas a partir de fragmentos de diversos modelos vivos, resultando em uma nova personalidade;

VII. Originada, em algum nível, na realidade, mas modificada de tal forma que nenhum modelo pode ser identificado.

No que diz respeito às considerações teóricas de Mauriac, podemos classificar a personagem em análise como construída dentro da terceira opção, em que há leve imitação do real, entretanto, o essencial é inventado. Considerando as reflexões de Cândido sobre a oscilação da personagem entre total invenção imaginária e total transposição de um modelo real, podemos afirmar que Lord Voldemort é um personagem que se enquadra na quarta categoria, por ser construído em torno de um modelo (Adolf Hitler), mas modificado de tal forma que resulta em um ser diferente.

Em conclusão, Cândido afirma que, no processo de construção da personagem, o que acontece é um trabalho de criação que envolve memória, observação e imaginação do autor. A natureza da personagem depende das intenções do autor e da concepção que preside o romance. O teórico ressalta que a importância da personagem reside antes na sua função no romance do que em sua relação com o mundo real, o que remete à importância da coerência interna de uma obra, muito maior do que a importância da relação do romance com o mundo real.

Sobre isso, pode-se afirmar que a importância da personagem aqui objeto de pesquisa reside em sua relação com os demais elementos da obra, antes de sua relação com a realidade. Voldemort foi construído, como pode ser deduzido pelo que foi dito pela autora em uma entrevista à BBC Newsround, utilizando elementos da pessoa real Adolf Hitle. Contudo, a personagem é caracterizada de tal forma que acaba por se distanciar deste modelo.

Conforme se deu a evolução do romance, as personagens passaram a ser construídas de forma mais completa e complexa, deixando de ser delimitados apenas pelos seus traços característicos. Assim, surge a distinção, proposta por Johnson no século XVIII entre as “personagens de costumes” e “personagens da natureza”. Segundo

Johnson (*apud* CÂNDIDO, 2009)⁵, as “personagens de costumes” são aquelas apresentadas por meio de “traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados (...) Estes traços são fixados de uma vez para sempre, e cada vez que a personagem surge na ação, basta invocar um deles.” (CÂNDIDO, 2009, p. 61). As “personagens de natureza”, por sua vez, “são apresentadas, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isto impede que tenham a regularidade dos outros” (CÂNDIDO, 2009, p. 62), como é o caso do personagem Lord Voldemort, o qual possui caráter de difícil interpretação e análise, e apresenta mudanças no decorrer da saga.

De acordo com Brait (2006) e Cândido (2009), esta distinção é, posteriormente, retomada e ampliada por Forster, que passa a distinguir as personagens entre “planas” e “redondas”. As personagens planas são aquelas construídas em torno de uma única ideia ou qualidade (CÂNDIDO, 2009, p. 62). As redondas são personagens cujas “características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender” (*ibid*, p. 63). De acordo com Brait, as personagens desta categoria são “multifacetadas, construindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano” (BRAIT, 2006, p. 41). O personagem “Lord Voldemort” é o principal vilão da saga literária “Harry Potter”. Entender sua personalidade, seus atos e seu caráter exige um trabalho de análise, uma vez que a cada livro descobrimos um pouco mais sobre suas origens, ou tomamos conhecimento de outra ação maléfica por ele praticada. Por esses motivos, Voldemort pode ser classificado como um personagem redondo – multidimensional e multifacetado, muito mais complexo do que os personagens planos, que podem ser reconhecidos a partir da invocação de uma única característica.

Brait apresenta também as funções da personagem, propostas por R. Bourneuf e R. Ouellet na obra “L'univers du roman”⁶. De acordo com esta proposta, considerando que as personagens de um romance “agem umas sobre as outras e revelam-se umas pelas outras” (BRAIT, 2006, p. 47-51), a personagem pode ter função:

I. Agente da ação, que pode ser dividida em seis subcategorias: condutor da ação, oponente, objeto desejado, destinatário, adjuvante, árbitro ou juiz;

II. Decorativa, não tendo qualquer função particular no enredo, considerada apenas elemento decorativo no romance;

III. Porta-voz do autor, na qual a personagem seria um “amalgama das

⁵ A obra de Cândido que cita este teórico não apresenta suas referências bibliográficas.

⁶ BOURNEUF, R. & OULLET, R. *L'univers du roman*. Paris, Presses Un. de France, 1972.

observações e das virtualidades de seu criador” (BRAIT, 2006, p. 50);

IV. Ser fictício, com forma própria de existir, na qual a personagem está situada “dentro da especificidade do texto, considerando sua complexidade e o alcance dos métodos utilizados para apreendê-la” (BRAIT, 2006, p. 51).

Admitimos que o personagem Lord Voldemort se enquadra na última categoria, uma vez que é um personagem fictício, com forma própria de existir. Contudo, ao considerarmos a classificação proposta acima, Voldemort pode ser melhor classificado como agente da ação, dentro da subcategoria “oponente”, uma vez que suas ações desencadeiam o principal conflito da saga. Podemos concluir então que, nessa proposta, um personagem pode ser enquadrado em mais de uma categoria.

Ainda segundo Brait, são apresentadas as possibilidades de construção da personagem, considerando a sua relação de dependência com o narrador. Segundo Brait,

A narração em primeira ou terceira pessoa, a descrição minuciosa ou sintética de traços, os discursos direto, indireto ou indireto livre, os diálogos e os monólogos são técnicas escolhidas e combinadas pelo escritor a fim de possibilitar a existência de suas criaturas de papel. (BRAIT, 2006, p. 67).

Para a autora, o narrador funciona “como um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens” (BRAIT, 2006, p. 53). Brait afirma ainda que, ao analisar a construção da personagem, é preciso ter cautela com a importância dada ao referencial teórico exterior à obra, uma vez que essa influência é apenas parcial.

Os personagens da saga “Harry Potter” são construídos através da perspectiva do narrador em terceira pessoa, combinado com o uso do discurso indireto-livre. Este tipo de narração, segundo Brait, simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos que interessam ao andamento da história” (BRAIT, 2006, p. 56).

2.1.1 AS ORIGENS

O primeiro contato do leitor com o antagonista da série se dá logo no primeiro capítulo do primeiro livro. As celebrações no mundo bruxo após a derrota inexplicável do bruxo das trevas mais temido são de tamanha proporção que os bruxos esqueceram até mesmo o cuidado em esconder dos trouxas sua magia, como pode ser visto no trecho seguinte, retirado do primeiro livro da série “Harry Potter e A Pedra Filosofal”, no momento em que coisas estranhas passam a ser reportadas no jornal trouxa: “não sei lhe dizer, mas não foram só as corujas que se comportaram de modo estranho hoje. Ouvintes de

todo o país têm telefonado para reclamar que em vez do aguaceiro que prometi para ontem, eles têm tido chuvas de estrelas!” (ROWLING, 2000, p 11). A intensidade das festividades dá uma prévia da grandiosidade das atitudes maléficas realizadas pelo lorde das trevas: a trajetória de Lord Voldemort é marcada por assassinatos, torturas, e pela busca irrefreada por poder e imortalidade.

“Lord Voldemort” é o nome escolhido pelo personagem, após decidir que “Tom Riddle”, seu nome de batismo, não era digno de alguém com poderes de tamanha magnitude. Ainda, seu nome foi escolhido pela mãe como homenagem ao pai, trouxa. Seu desprezo por esta herança se deve, entre outros fatores, ao fato do pai ter abandonado a mãe à própria sorte, quando estava grávida. Além disso, sua ancestralidade trouxa, para ele, é motivo de grande vergonha. Assim, abandona o nome “Tom”, que considerava comum demais para alguém tão importante, e o sobrenome “Riddle”, único legado recebido de seu pai, conforme ele próprio explica para Harry no segundo livro “Harry Potter e a Câmara Secreta”, quando acreditava estar prestes a matá-lo:

Era um nome que eu já estava usando em Hogwarts, só para meus amigos mais íntimos, é claro. Você acha que eu ia usar o nome nojento do meu pai trouxa para sempre? Eu, em cujas veias corre o sangue do próprio Salazar Slytherin, pelo lado de minha mãe? Eu, conservar o nome de um trouxa sujo e comum, que me abandonou mesmo antes de eu nascer, só porque descobriu que minha mãe era bruxa? Não, Harry, criei para mim um nome novo, um nome que eu sabia que os bruxos de todo o mundo um dia teriam medo de pronunciar, quando eu me tornasse o maior bruxo do mundo. (ROWLING, 2000, p. 264)

De fato, o nome escolhido por Voldemort era tão temido no mundo bruxo que quase nunca era usado; se referiam a ele como “Aquele que não deve ser nomeado” ou “Você-Sabe-Quem”. Exceto Dumbledore e Harry, que a exemplo do professor, não se deixou intimidar pela mera pronúncia do nome “Lord Voldemort”.

O significado do nome escolhido é apropriado à sua personalidade. “Voldemort” é uma palavra de origem francesa que significa “voo da morte”. A palavra “Riddle” significa “Enigma”, algo que está relacionado ao caráter obscuro do personagem⁷. Algo que pode reafirmar a ligação entre o nome e seu significado é o título do décimo terceiro capítulo do livro “Harry Potter e o Enigma do Príncipe”, intitulado “Riddle, o enigma”. Uma cena que ressalta o caráter enigmático de Lord Voldemort é a em que, na Câmara Secreta, tomamos conhecimento de seu verdadeiro nome “Tom Servolo Riddle”, e na qual o personagem transforma o próprio nome num anagrama, em que as letras recombinadas

⁷ RIDDLE, disponível em <<http://www.wordreference.com/enpt/riddle>> Acessado em: 03 de novembro de 2015.

mostram “Eis Lord Voldemort”. O nome do meio “Servolo” foi traduzido do original “Marvolo”, termo que vem do Latin *mirabilis*, que significa “maravilhoso”. No anagrama original, as letras do nome “Tom Marvolo Riddle” se transformam na frase “I am Lord Voldemort” (Eu sou Lord Voldemort).

No sexto livro “Enigma do Príncipe”, Harry e Dumbledore conhecem mais a fundo o passado enigmático de Voldemort, através de memórias do diretor de Hogwarts e de outras pessoas que conviveram, por um curto ou longo período de tempo, com o bruxo das trevas. Depois de entrevistas e muita pesquisa, Alvo Dumbledore teve acesso às memórias de diversas pessoas que fizeram parte da vida de Voldemort. As mais relevantes foram mostradas a Harry Potter, utilizando a Penseira⁸ do diretor. Lord Voldemort era filho da bruxa puro-sangue Mérope Gaunt e do trouxa Tom Riddle. Quando Morfino, tio de Voldemort, descobre que a irmã está interessada em um trouxa, não demora a agir em defesa da superioridade da família:

- *Ela gosta de olhar o trouxa.* - Com uma expressão cruel, Morfino encarou a irmã, que agora parecia aterrorizada. - *Sempre no jardim quando ele passa, espiando pela cerca, não é? E a noite passada...*
Mérope sacudia a cabeça freneticamente, implorando, mas Morfino continuou sem se conder:
- *...Pendurada na janela esperando ele voltar para casa, não é? [...]*
- *É verdade?* - perguntou Gaunt implacável, dando uns passos em direção à filha apavorada. - *Minha filha, uma pura descendente de Salazar Slytherin, suspirando por um trouxa nojento de veias imundas?* (ROWLING, 2005, p. 167) (grifos da autora)

Mérope não tinha total domínio da magia, e por isso era diariamente atormentada pelo pai, Servolo, e pelo irmão. Ambos foram detidos e cumpriram pena em Azkaban; Sérvolo por ter atacado funcionários do Ministério da Magia, e Morfino por diversos ataques a trouxas. Ao se ver livre da família opressora, Mérope pôde, finalmente, praticar magia devidamente. E, principalmente, pôde enfeitiçar Tom Riddle, o trouxa mais cobiçado da aldeia. Com o uso da poção do amor, a bruxa conseguiu manter Riddle ao seu lado por um ano, até considerar que a poção não era mais necessária. Riddle, então, caiu em si e a abandonou, grávida, sem se preocupar com o destino da mulher ou do filho. Mérope morreu logo após dar à luz, e escolher o nome do filho – Tom Servolo Riddle.

O menino foi criado em um orfanato, sem família ou afeto. Desde cedo, dominava

⁸ Bacia de pedra, ornamentada com runas e símbolos, que emana uma luz prateada. Utilizada para acessar memórias antigas, é um instrumento que Harry conhece no quarto livro “Harry Potter e o Cálice de Fogo”

a arte da intimidação e dissimulação, como podemos verificar numa conversa entre o professor Dumbledore e a sra. Cole, diretora do orfanato onde morava Tom Riddle,:

- Ele mete medo às outras crianças.
- A senhora quer dizer que ele as intimida?
- Acho que deve intimidar – respondeu a sra. Cole, franzindo ligeiramente a testa -, mas é muito difícil pegá-lo em flagrante. Tem havido incidentes...bem desagradáveis...
- [...]
- Acho que muito pouca gente vai lamentar ver este garoto pelas costas.
(ROWLING, 2005, p. 210)

2.1.2 A VIDA ESCOLAR

Na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, Tom Riddle era um aluno brilhante: conseguiu, desde seu primeiro ano, manipular e cativar os professores. Os adeptos da ideologia puro-sangue reconheceram em Tom Riddle um legítimo líder. Era um estudante admirado pelos professores, e mais ainda pelos colegas.

- Senhor, é verdade que a professora Merrythought está se aposentando? - perguntou Riddle.
- Tom, Tom, se eu soubesse não poderia lhe dizer [...]. Confesso que gostaria de saber onde você obtém suas informações rapaz; sabe mais do que metade dos professores.
- Riddle sorriu; os outros garotos riram e lhe lançaram olhares de admiração.
(ROWLING, 2005, p. 388)

Na citação anterior, trecho de um dos momentos em que o professor Slughorn se reunia com seus estudantes favoritos em “Enigma do Príncipe”, podemos perceber o apreço que os colegas tinham por Tom Riddle.

Como era de se esperar, foi selecionado para a Sonserina⁹; não apenas graças ao seu caráter compatível com a Casa, mas também por ser descendente do fundador, Salazar Slytherin. Aos 16 anos, deixou o orfanato para o qual voltava durante as férias, e foi à procura da família Gaunt – sua família materna.

2.1.3 A ASCENSÃO DO LORDE DAS TREVAS

Ao visitar a família da mãe, descobre que o pai era de origem trouxa, e havia

⁹ Sonserina, Grifinória, Lufa-lufa e Corvinal são as quatro Casas de Hogwarts para as quais os alunos são selecionados no primeiro ano..

abandonado a mãe, grávida. Revoltado, aniquilou toda a família paterna que ainda restava. Temos conhecimento deste fato em um diálogo entre Harry e Voldemort, parte de “Harry Potter e o Cálice de Fogo”, quarto livro da série. Na cena em questão, após o Torneio Tribruxo, Voldemort confessa à Harry o assassinato da família e o ódio ao seu nome, acreditando que este seria o último diálogo entre os dois:

- Você está vendo aquela casa lá na encosta do morro, Potter? Meu pai morava ali. Minha mãe, uma bruxa que vivia no povoado, se apaixonou por ele. Mas foi abandonada quando lhe contou o que era...ele não gostava de magia, meu pai... “Ele a abandonou e voltou para os pais trouxa antes de eu nascer, Potter, e ela morreu me dando à luz, me deixando para ser criado em um orfanato de trouxas...mas eu jurei encontrá-lo...vinguei-me dele, desse idiota que me deu seu nome...*Tom Riddle*...” (ROWLING, 2001, p. 513)

Depois de deixar oficialmente a escola, Voldemort procurou Dumbledore e pediu para continuar em Hogwarts, atuando como professor de Defesa Contra a Arte das Trevas. O pedido foi negado e, misteriosamente, a partir daquele momento, o cargo não mais foi ocupado pelo mesmo professor por mais de um ano. Depois deste episódio, Voldemort passou a trabalhar para a loja Borgin & Burkes, causando estranhamento por parte dos professores e admiradores, que consideravam o serviço um desperdício de talento. Posteriormente, sabemos que estava à procura de objetos – objetos de valor histórico, não apenas meros objetos - para transformar em Horcruxes¹⁰ - . A magia negra empregada nestes objetos foi o que o deixou mais perto do que nunca da tão desejada imortalidade.

Foram inúmeros os atos maléficos cometidos pelo antagonista e seus seguidores, até ser derrotado, duas vezes, por Harry Potter: a primeira quando Harry era ainda um bebê, em um momento anterior ao tempo no qual o enredo se desenvolve, e depois ao final da série, após um duelo entre os dois personagens no último livro “Relíquias da Morte”.

2.1.4 A IDEOLOGIA PURO SANGUE NA FICÇÃO

Na saga literária “Harry Potter”, prevalece como um dos temas principais a distinção entre bruxos de “sangue-puro” e bruxos nascidos em famílias de trouxas, chamados por muitos de “sangue ruim”. Logo que passa a fazer parte do mundo bruxo,

¹⁰ *Horcruxes* são objetos transformados magicamente por Voldemort. Após a transformação, passaram a conter parte da alma do bruxo, deixando-o perto do estado de imortalidade.

num diálogo com o personagem que mais tarde seria seu inimigo, Harry descobre que há entre os bruxos certa hierarquia. Alguns bruxos puro-sangue, cujos ancestrais são *todos* bruxos, como a família de Draco Malfoy, entendem os trouxas como uma raça inferior. Consequentemente, bruxos com parentesco trouxa também estariam num nível hierárquico mais baixo. Harry toma conhecimento desta hierarquia em um diálogo com o garoto Draco Malfoy, em “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, quando Harry é questionado sobre sua família:

[...] - Mas eram do nosso povo, não eram?
 - Eram bruxos, se é isso que você está perguntando.
 - Eu realmente acho que não deviam deixar outro tipo de gente entrar, e você? Não são iguais a nós, nunca foram educados para conhecer o nosso modo de viver. Alguns nunca sequer ouviram falar de Hogwarts até receberem a carta, imagine. Acho que deviam manter a coisa entre as famílias de bruxos. (ROWLING, 2000, p. 72)

O termo ofensivo é melhor explicado em “A Câmara Secreta”, num diálogo entre Harry, Rony, Hermione e Hagrid, no qual Rony, familiarizado com o termo, explica aos amigos:

Sangue ruim é o pior nome para alguém que nasceu trouxa, sabe, que não tem pais bruxos. Existem uns bruxos, como os da família de Malfoy, que se acham melhores do que todo mundo porque têm o que as pessoas chamam de sangue puro. (ROWLING, 2000, p. 103)

É no segundo livro “Harry Potter e a Câmara Secreta” que entendemos as raízes deste preconceito. Em uma das aulas de História da Magia, o professor Binns, após ser questionado sobre a existência de uma Câmara Secreta em Hogwarts, dá aos alunos uma breve explicação sobre a fundação da Escola. De acordo com o professor, a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts fora fundada por quatro grandes bruxos, cada um responsável por uma casa. Godrico Gryffindor, Helga Hufflepuff e Rowena Ravenclaw, criadores da Grifinória, Lufa-lufa e Corvinal, respectivamente, viviam em constante desarmonia com Salazar Slytherin, criador da Sonserina. Binns conta que, contrariando os outros criadores, Salazar

“[...] queria ser mais *seletivo* com relação aos estudantes admitidos. Ele acreditava que o aprendizado de magia devia ser mantido no âmbito das famílias inteiramente mágicas. Desagradava-lhe admitir alunos de pais trouxas, pois os achava pouco dignos de confiança.” (ROWLING, 2000, p. 131) (grifos da autora).

O desentendimento entre os fundadores terminou de forma trágica. Slytherin abandonou a escola, deixando escondida em uma câmara secreta uma besta que, quando acordada, expurgaria da escola a ralé indesejada. Isto acontece anos depois. Tom Riddle, legítimo herdeiro de Salazar Slytherin, acordou o monstro – que descobrimos ser um basilisco, e entre outros ataques menores, matou uma garota, que passa a habitar um dos banheiros femininos da escola na forma de um fantasma.

A crença na superioridade dos bruxos puro-sangue aparece nos livros de forma aberta, como no tratamento dispensado por Draco Malfoy à Hermione Granger, e também de forma sutil, como na situação em que o professor Horácio Slughorn conversa com Harry sobre sua mãe, Lílian em “Enigma do Príncipe”:

- Sua mãe, naturalmente, nasceu trouxa. Não consegui acreditar quando soube. Eu achava que devia ser puro-sangue, era tão inteligente!
- Uma das minhas melhores amigas é trouxa – comentou Harry -, e é a melhor aluna da nossa série.
- Engraçado como isso às vezes acontece, não é? (ROWLING, 2005, p. 59)

O professor Slughorn, em diversos momentos durante o sexto livro “Enigma do Príncipe”, se diz livre de preconceitos. Porém, a insinuação de que bruxos puro-sangue estão mais próximos do sucesso é recorrente. Um exemplo se encontra no trecho seguinte, retirado do sexto livro, numa conversa entre Slughorn e Voldemort: “[...] não poderia ser mais evidente que você descende de boa família bruxa, com as habilidades que tem. Não, você irá longe, Tom, até hoje jamais me enganei a respeito de um aluno.” (ROWLING, 2005, p. 388)

A crença na primazia dos bruxos de linhagem puramente bruxa serve como gatilho para as duas guerras reportadas nos livros da saga. Quando os adeptos da ideologia de Salazar, depois de reconhecer em Lord Voldemort a figura de autoridade e passarem a tê-lo como representante, geram resultados catastróficos. Além de Lílian e Tiago Potter, pais de Harry, inúmeros personagens foram mortos, e outros tantos foram torturados até a loucura, como Alice e Frank Longbottom, pais do personagem Neville Longbottom, ou até a morte, como a professora de Estudo dos Trouxas Caridade Burbage, no início do sétimo livro. Sem mencionar os assassinatos de trouxas anônimos no mundo bruxo, noticiados no “Profeta Diário” e que permaneceram inexplicáveis no mundo trouxa.

2.2 A FIGURA HISTÓRICA

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, surgiu um grande número de obras referentes ao ditador Adolf Hitler e às atrocidades cometidas no regime do Terceiro Reich. Para cumprir a proposta deste trabalho, serão estudadas “Hitler”, de Joachim Fest (1976), e “O Hitler da História”, escrita pelo historiador húngaro John Lukacs (1998). Outra obra de grande importância para este estudo é a autobiografia “Mein Kampf”, escrita por Hitler quando estava preso por alta traição no ano de 1925, ao tentar dar um golpe de estado.

A proposta de Lukacs (1998) em “O Hitler da História” é, primeiramente, discorrer sobre o problema da historicização e dos estudos sobre Adolf Hitler, uma vez que a perspectiva histórica está em constante mudança com o passar do tempo. Ademais, o trabalho do autor consiste num retrato do caráter e da trajetória de uma das mais enigmáticas figuras históricas, trazendo, para isso, um levantamento dos dados biográficos mais relevantes de sua história.

Segundo o relato de Lukacs (1998), Hitler nasceu em uma pequena cidade, localizada na fronteira entre os impérios austríaco e alemão e, desde pequeno, identificava-se com a comunidade alemã. Perdeu ambos os pais antes dos dezoito anos, e teve uma relação difícil com o pai. Foi um bravo soldado na Primeira Grande Guerra e, antes de ser conhecido mundialmente como o ditador responsável pelo holocausto, foi um importante político. Sobre sua nacionalidade, Lukacs questiona:

O desejo que sentia de identificar-se com a Alemanha, e não com a Áustria, foi óbvio desde o início de sua vida, fato esse que permanece indisputável. O fato de tal desejo ter como consequência um não-nativo tornar-se um grande líder nacional é igualmente óbvio (...) mas permanece uma pergunta intrigante e que ninguém jamais responderá: poderia ele ter-se tornado um político austríaco bem-sucedido? (LUKACS, 1998, p. 57)

Outra importante fonte de subsídio biográfico é a extensa obra de Joachim Fest (1976), considerada por muitos estudiosos a mais completa biografia sobre Adolf Hitler. “Hitler” não aborda de maneira profunda a Segunda Guerra Mundial em sua totalidade; antes disso, o trabalho de Fest tem foco no estudo biográfico do ditador.

Visto que, para cumprir os objetivos propostos, é necessário realizar um estudo da figura Adolf Hitler através das biografias, se faz necessário um estudo de sua autobiografia “Mein Kampf”, para que possamos analisar sua trajetória e seus ideais a

partir de sua própria perspectiva.

“Mein Kampf”, em português “Minha Luta”, foi elaborada, segundo Hitler, tendo como público-alvo os adeptos do movimento nacional-socialista. É dividida em dois blocos, que se constituem, respectivamente, na apresentação do movimento e num esboço de um plano de desenvolvimento. Antes disso, Hitler expõe sua própria trajetória, encontrando na escrita “a oportunidade de dar uma descrição de minha vida, no que fosse necessário [...] e no que pudesse servir para destruir o retrato lendário da minha pessoa feito pela imprensa semítica” (HITLER, 2001, p. 5). Como parece óbvio aqui, é difícil afirmar onde acaba a autobiografia e começa a programação e propaganda política, segundo também o que aponta o próprio Lukacs (1998).

A partir da leitura de “Mein Kampf”, da biografia escrita por Fest (1976) e dos estudos de Lukacs (1998), podemos compreender melhor o caráter de seu autor, a ideologia e o sentimento antisemita, bem como analisar a relevância destes elementos na construção do personagem fictício Lord Voldemort.

2.2.1 ADOLF HITLER - “QUERO SER GRANDE”

O próprio Hitler, na obra “Mein Kampf”, não reserva para si mesmo nenhum futuro que não estivesse relacionado a grandes feitos:

Outrora eu desejara poder algum dia fazer nome como arquiteto e, em pequena ou grande escala, conforme o destino madasse, prestar à nação o meu devotado serviço.

Finalmente, eu desejava ter a felicidade de, no local, poder desempenhar o meu papel no país onde o mais ardente desejo de meu coração tinha de ser realizado: a união de meu amado lar com a pátria, comum – o Reich alemão.

Muitas pessoas ainda hoje não poderão compreender a grandeza de uma tal ânsia. (HITLER, 2001, p. 95)

A obra de Joachim Fest (1976) se inicia com um grande questionamento concernente à pessoa Adolf Hitler: “podemos chamá-lo de grande?”. Segundo o historiador, não há registros em toda a História de que alguma vez tenha havido semelhante fenômeno, que somente uma guerra brutal de quase seis anos pôde extinguir.

Fest (1976), ao discutir esta questão, opta por deixar de lado questões de ordem moral. Relaciona a “grandiosidade” de Hitler ao seu caráter, excessivo e enérgico. Aproveitando-se de sua inquestionável habilidade de orador, na intenção de ganhar a simpatia e a confiança do povo alemão, Hitler inúmeras vezes lembrou o início de sua carreira, e como “tinha se feito sozinho, e era tudo de uma vez: mestre de si mesmo,

organizador de um partido, criador de uma ideologia, estrategista e a imagem demagógica de salvação, chefe, estadista, e, durante um decênio, o eixo do mundo” (FEST, 1976, p. 2).

O autor afirma ainda que “nenhum outro, num percurso solitário que durou poucos anos, acelerou o curso do tempo e modificou as condições do mundo de maneira, por assim dizer, inacreditável, como ele o fez: ninguém deixou atrás de si tamanho rastro de ruínas.” (*ibid*, p. 1). Fest atesta que, se não fosse através do discurso e da empatia emanada de Adolf Hitler,

os discursos agressivos e *Mein Kampf*, o anti-semitismo e a concepção de hegemonia mundial teriam, presumivelmente, caído no esquecimento, como fantasias dos seus primeiros anos de político, e só por casualidade teriam surgido aos olhos de seus críticos como defesa de uma nação indignada. Seis anos e meio separaram Hitler dessa glória. (*ibid*, p. 7)

Assim como Fest, Lukacs (1998) ressalta a grandeza das realizações extraordinárias de Hitler, afirmando que “ele deu prosperidade e confiança aos alemães, o tipo de prosperidade que é um dos resultados da confiança.”(LUKACS, 1998, p. 78). Após o ano de 1933, de acordo com Lukacs, aparte da realidade de uma minoria amargurada que envolvia campos de concentração e aniquilação de judeus, a maioria dos alemães experimentou um período de prosperidade que em muito contrastava com os anos anteriores, vividos em meio à uma enorme crise.

2.2.3 O PERSONAGEM HISTÓRICO

Hitler dedica parte de “*Mein Kampf*” à divulgação de sua história e suas origens, mais especificamente, de partes de sua trajetória que considerou relevante. A obra começou a ser escrita em 1924, quando estava no presídio militar de Landsberg após comandar uma tentativa frustrada de golpe de estado. Para Fest, as informações divulgadas por Hitler em sua autobiografia serviam apenas de suporte à imagem que se empenhava em criar para si próprio. Lukacs (1998) afirma que, graças à reserva de Hitler quanto à sua imagem, jamais saberemos tudo, ou mesmo o suficiente, sobre ele.

Segundo Joachim Fest, Hitler tinha como uma de suas principais preocupações a criação de um personagem, um “monumento atrás do qual permanentemente procurava ocultar-se” (FEST, 1976, p. 11). Ao assumir a atitude de um grande chefe, encobriu seu

passado de um ar misterioso, e envolveu sua origem em “clima de meia-sombra propício às lendas e à aura de uma predestinação particular e que também contribuiu para as angústias, as dissimulações e o caráter teatral de sua existência” (*id*). Ao vender em seus discursos a imagem de alguém que construiu seu próprio sucesso do zero, criou para si a personificação de um verdadeiro líder, algo de que a Alemanha - em severa crise pós-guerra, na qual o povo sofria com a inflação e a humilhação do Tratado de Versalhes - realmente necessitava. Para Fest (1976), tratava-se de uma estratégia propagandista, na qual o mistério serviu para fomentar o interesse do povo alemão.

Além da criação de uma estratégia eficiente, a proibição da divulgação de fatos pessoais está intrinsecamente ligada à história suspeita, por assim dizer, de sua família. Conforme Fest (1976), a imagem dos pais de Adolf contida em “Mein Kampf” servia unicamente de “apoio à lenda de sua vida” (FEST, 1976, p. 13). Em “Mein Kampf”, Hitler afirma que respeitava o pai, mas amava a mãe. Apesar disso, é ao pai que dedica a maior parte do discurso sobre sua família, sempre utilizando palavras e expressões respeitadas, como ao afirmar que o pai era “fiel cumpridor de seus deveres” (HITLER, 2001, p. 9). O tom respeitoso ao se referir a alguém com quem teve uma relação problemática serve de suporte à afirmação de Fest.

Em “Mein Kampf”, Hitler nos descreve uma jornada inspiradora, a jornada de um órfão que, após anos de persistência e trabalho duro, quando tinha todos os dias a preocupação com a “incerteza do ganho do pão diário” (HITLER, 2001, p. 35). Hitler confirma a própria persistência quando narra o momento em que fora recusado na Escola de Artes e “decidiu” se tornar arquiteto:

A antiga teimosia também tinha voltado e com ela a persistência na realização do meu objetivo. Eu queria ser arquiteto. Obstáculos existem não para que capitulemos diante deles mas para os vencermos. E eu estava disposto a arrostar com todas essas dificuldades, sempre tendo, diante dos olhos, a imagem de meu pai, que, de simples aprendiz de sapateiro de aldeia, tinha subido até o funcionalismo público. [...] Enquanto a necessidade me oprimia e ameaçava aniquilar-me, crescia a vontade de luta. E, finalmente, foi vitoriosa a vontade. (HITLER, 2001, p. 22)

Toda a sua trajetória desde a morte da mãe até o momento em que, após a Primeira Guerra, resolveu tornar-se político (HITLER, 2001), é descrita nos moldes do trecho anterior: com palavras de encorajamento, facilitando a adesão das massas alemãs, que experimentavam as mesmas infelicidades. É possível observar, ainda na citação anterior, o respeito pela figura paterna, que após um estudo das obras de Fest e Lukacs,

que atestam os problemas na relação entre pai e filho, podemos considerar fingido.

2.2.2 AS ORIGENS

Filho de Alois Schicklgruber, que, mais tarde, adotou o sobrenome do marido da mãe, “Hiedler”, e adaptou para Hitler, e Klara Pözl, nascido na pequena cidade de Braunau am Inn, no ano de 1889, em condições de pobreza, nasceu Adolf Hitler.

Joachim Fest traz à tona a discussão acerca da família paterna de Adolf Hitler, uma questão ainda em aberto, e a qual nunca poderá ser satisfatoriamente respondida. Segundo o relato de Fest, em junho de 1837, Anna Schicklgruber, solteira, deu à luz ao menino Alois. Não foi registrado nome algum no espaço destinado ao nome do pai da criança. Mais tarde, casou-se com o camponês Johann Georg Hiedler, e entregou o filho ao irmão do marido, Johann Nepomul Hüttler, acreditando “não poder educar o menino convenientemente” (FEST, 1976, p. 13). As teorias acerca da linhagem paterna de Adolf Hitler oscilam entre os dois irmãos, e um terceiro rapaz: um judeu de Graz chamado Frankenberg, em cuja casa Anna trabalhava até engravidar.

Há grande especulação quanto à sua ascendência, que pode, ironicamente, ser judia. Sobre esta incógnita, Fest (1976) cita o episódio em que Hans Frank, advogado de Hitler e, posteriormente, governador-geral da Polônia, declarou em seu testemunho nos tribunais de Nuremberg o episódio ocorrido no ano de 1930, em que houve o recebimento de uma carta, escrita pelo filho de um irmão consanguíneo de Hitler. Tal carta fazia alusões a “algumas circunstâncias bem precisas de nossa família” (FEST, 1976, p. 13), nas quais Hitler teria parentesco judeu por parte paterna, com a família de nome Frankenberg. Para Fest (1976), é pouco provável que esta tese se mostre verdadeira, considerando a ausência de documentos que comprovem a herança judia do maior antissemita conhecido. Contudo, após o recebimento da carta de alto teor chantagista, Hitler passou a ter sérias dúvidas sobre sua ascendência, baseadas, principalmente, no fato de não saber quem era o avô paterno.

2.2.4 A VIDA ESCOLAR

Em sua vida escolar, apesar do desprezo por todo e qualquer trabalho regular e metódico, era considerado bom estudante, atento e disposto, com boletins que o

apontavam como bom aluno e, segundo Fest, “motivaram a decisão paterna de enviá-lo ao estabelecimento de ensino profissional de Linz” (FEST, 1976, p. 19).

A temporada como estudante na cidade de Linz foi tida por Hitler como uma das artimanhas elaboradas pelo pai para lhe impor a carreira de funcionário público, tida por Alois, seu pai, em alta conta. Fest, por sua vez, defende que, possivelmente, o pai se sentisse feliz ao ver o filho alcançar os escalões mais altos do funcionalismo, os quais lhe foram recusados devido à sua pouca instrução. Em Linz, abandonando sua imagem de bom aluno, obteve notas medíocres e, como resultado, posteriormente deixou a escola profissional. Fest (1976) sugere que a derrota, por assim dizer, se deveu à mudança de ambiente. Ao se alocar em uma cidade onde era um camponês rústico em meio a comerciantes, ou até mesmo integrantes de famílias nobres locais, Adolf passou a ter consciência da hierarquia social. Em Linz, não estabeleceu vínculos ou laços afetivos, não encontrou amigos nem companheiros (FEST, 1976).

Em “Mein Kampf”, Adolf Hitler conta como, aos onze anos, se opôs pela primeira vez às vontades de seu pai, que queria que o filho seguisse seus passos.

Por mais firmemente decidido que meu pai estivesse na execução dos planos e propósitos que se formara, não era menos a teimosia e a obstinação de seu filho em repelir um pensamento que pouco ou nada lhe agradava. Eu não queria ser funcionário. Nem conselhos nem “sérias” admoestações conseguiram demover-me dessa posição. Nunca, jamais, em tempo algum eu seria funcionário público. (HITLER, 2001, p. 12)

A escolha do filho em mudar seu rumo profissional e tentar a carreira de pintor foi causadora de grande desavença entre pai e filho. Sobre a relação tumultuada entre Alois e Adolf, Joachim Fest atesta a atmosfera de tensão entre dois homens de temperamentos diferentes. A incompatibilidade se devia, também, à decisão do pai de se aposentar aos 58 anos, que pretendia fugir às suas obrigações profissionais e dedicar-se aos seus passatempos. A presença, agora constante, do pai no lar impunha certa limitação à liberdade de Adolf.

A cada instante, Adolf se chocava com a forte personalidade do pai, o qual lhe exigia respeito, acatamento da disciplina, e que declarava com altivez ter conseguido chegar a certa posição na vida graças ao exercício de uma autoridade implacável. É aí, mais que uma divergência nítida de opiniões sobre a futura carreira do jovem, que se deve encontrar a verdadeira causa do conflito entre dois homens. (FEST, 1976, p. 20)

Foi apenas dois anos e meio após a morte do pai, por sufocamento ao experimentar um gole de vinho em 1903, que Hitler deixou a escola profissional de Linz, por caprichos e preguiça (FEST, 1976). A mãe, já enferma, não soube lidar com a “pressão exercida pelo filho no sentido de deixar a escola, não sabia [...] se opor ao gênio obstinado e brigão de Adolf” (FEST, 1976, p. 20). Quando, no ano de 1905, notou que as notas do filho não indicavam nenhum progresso, consentiu que abandonasse a escola. Ao deixar de lado a educação profissional e admitir que as portas do funcionalismo estavam sendo fechadas, Adolf investiu na carreira de artista.

Conforme Fest (1976), não foi senão com ressentimento e rancor que Hitler deixou a escola de Linz. Segundo o autor, foi um dos “temas cheios de amargura de sua vida” (FEST, 1976, p. 21). Assim, a vocação de artista serviu-lhe para “dissimular a inquietude que o próprio insucesso lhe inspirava” (*id*). Não lhe agradava a ideia de um trabalho ordenado; antes disso, lhe seduzia a ideia de um futuro livre e independente, característico da vida de artista. Aos dezesseis anos, se sustentava graças à pensão enviada pela mãe, e levava uma vida descompromissada, entregue aos prazeres da ociosidade (FEST, 1976). A ambição, herdada do pai, aliada à grande confiança no próprio talento, lhe davam esperanças e a certeza de ser um gênio (*id*). Contrariando a certeza em seu talento de artista, Hitler foi rejeitado pela Academia de Belas-Artes de Viena, sob a afirmação de que seu talento, na verdade, estava na área da arquitetura. De acordo com Eduardo Szklarz (2014), não há consenso entre os estudiosos se Hitler foi reprovado no exame para a Escola de Arquitetura de Viena, ou se nem sequer chegou a tentar.

Foi no exército alemão, servindo na função de mensageiro, que Adolf Hitler encontrou um sentido para sua vida, e pôde dar direcionamento ao seu intenso sentimento patriota, que o acompanhou por toda a vida. No ano de 1918, foi vítima de um ataque de gás mostarda, em um combate na Bélgica. O episódio significou o fim da guerra para ele, que mesmo já tendo sido ferido outras vezes, sempre optava por voltar.

Segundo Lukacs (1998), foi no ano de 1919 que “as aspirações do líder nacional superaram as aspirações do artista (...) mas uma não excluía a outra, a dualidade permaneceu” (LUKACS, 1998, p. 60). Durante muito tempo, dedicou-se a projetos de arquitetura para o melhoramento da cidade de Linz. De acordo com Fest (1976), antes de reconhecer a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial e apelar para o suicídio, Hitler passou horas melancólico, debruçado sobre os projetos que nunca seriam concluídos.

2.2.5 A ASCENSÃO DE UM DITADOR

Ao considerar seu passado conturbado, parece inconcebível que alguém que fracassou como estudante e artista tenha conseguido atingir tamanho status. Fest (1976) afirma que Hitler possui o que Walter Benjamin chama de “caráter social”, uma “combinação quase exemplar de todas as angústias, sentimentos de contestação e esperanças de seu tempo”. (FEST, 1976, p. 4), o que permitiu a existência do ditador Adolf Hitler.

Sua reputação estava em constante ascensão. O ponto alto desta ascensão teve lugar na cidade de Munique, que, segundo Fest, era “inclinada por temperamento a ceder a qualquer gesto excêntrico” (FEST, 1976, p. 153). Assim, Munique oferecia terreno propício à sua entrada em cena, e Hitler deixou de ser apenas um agitador local, que muitas vezes discursava para plateias desinteressadas. Adolf Hitler aspirava “chegar a mais revolucionária ideologia” (*ibid*, p. 155), e estava empenhado em escapar do anonimato. Era dotado de um “senso intuitivo extraordinário, quase feminino, que lhe permitia dar corpo às aspirações de sua época e explorá-las da melhor maneira possível” (*ibid*, p. 153).

Seu talento para a oratória, aliado à sua “aptidão para aprender, a avidez insaciável com a qual, precisamente nessa época, ele assimilava os conhecimentos dos que o rodeavam” (*id*), encontraram na Alemanha pós Primeira Guerra a oportunidade para sua ascensão, e a do nacional-socialismo.

Joachim Fest afirma que, apesar dos esforços dos biógrafos em encontrar um marco, um episódio particular que possa explicar a passagem de agitador anônimo ao fenômeno Adolf Hitler, não houve uma grande mudança na pessoa em si. O que houve foi uma

pequena alteração, no sentido de que só então lhe foi facultado contato direto com grandes coletividades. Graças a esse contato direto coletivo, os elementos permanentes de sua personalidade se tinham ordenado segundo uma nova fórmula [...]. Agia como catalisador das massas, suscitando violentas acelerações e provocando crise, assim as massas o catalisavam. Elas foram sua criação; mas, ao mesmo tempo, ele foi sua criatura. (FEST, 1976, p. 192).

O país enfrentava sua maior crise no ano de 1923, em que “a nação foi como que assediada por crises e situações de desgraça” (FEST, 1976, p. 193). A inflação, as condições impostas pelo Tratado de Versalhes, a humilhação pela qual a Alemanha

passou após a derrota na Primeira Guerra Mundial, pediam por alguém que visse na crise uma oportunidade. Oportunidade para “não apenas remediar a situação, mas convulsioná-la radical e totalmente” (*id.*).

2.2.6 A IDEOLOGIA PURO SANGUE NA VIDA REAL

De acordo com John Lukacs (1998), Hitler considerava o problema dos judeus uma questão inseparável da guerra. Mais importante, acreditava ainda que os judeus eram o *principal* problema da nação alemã, por serem um povo sem cultura e sem civilização constituída; um povo parasitário da civilização alemã, e que impedia a existência de um estado puramente germânico (HITLER, 2001). Assim, fez da expurgação deste povo da Alemanha, e dos países por ele conquistados, um dos seus mais importantes objetivos: “queria levar a Alemanha à vitória em uma grande guerra e também expurgar a Europa dos judeus, dois objetivos complementares, na verdade inseparáveis em sua mente” (LUKACS, 1998, p. 125).

A discriminação contra judeus, nos anos que antecedem a Segunda Guerra Mundial, substituiu a tradicional discriminação de ordem religiosa, e passou a ser política. O preconceito contra os judeus passou a ser “com frequência dirigido contra judeus assimilados, que haviam conseguido conquistar posições importantes em suas respectivas sociedades nacionais, confiantes em seus direitos e em sua aceitação inquestionável como cidadãos” (LUKACS, 1998, p. 131). É possível perceber o grande ressentimento causado pela situação financeira estável dos judeus, enquanto que a maior parte do povo ainda estava sofrendo as dificuldades do pós-guerra. Hitler propunha que este problema fosse resolvido de forma racional, fria e científica (LUKACS, 1998). Assim, algo que começou com o sutil boicote de 1º de Abril¹¹ foi transformado na “solução final”, que visava o extermínio dos “vírus, pragas parasitárias no corpo vivo das nações” (LUKACS, 1998, p. 131).

Ainda segundo Lukacs (1998), as razões para tamanha preocupação com o problema judeu permanecem, até hoje, desconhecidas. Apesar de Adolf Hitler não ter sido o precursor da ideologia antissemita, é inegável que atribuiu a ela demasiada importância. O teórico afirma que o nível de preocupação com esta questão foi tão grande que pode ser considerado uma fobia. Para o autor, a explicação para esta fobia pode estar na

¹¹ No dia 1º de abril de 1933, “destacamentos armados das SA postaram-se diante das portas das lojas judias, dos escritórios, convidando fregueses e visitantes a não entrarem. Nas vitrinas foram colocados cartazes incitando ao boicote”. (FEST, 1976, p. 496)

possibilidade de ascendência judia, já mencionada nesta seção. Enquanto Fest (1976) considera baixa a probabilidade desta especulação ser verídica, Lukacs (1998) diz que “podemos considerar a mera possibilidade – e enfatizo a 'mera possibilidade' - de que Hitler possa ter *pensado* que seu pai era meio judeu.” (LUKACS, 1998, p. 133) (grifos do autor).

O próprio Adolf Hitler explica a aversão ao povo judeu ao afirmar que trata-se de um povo sem pátria, que, como um parasita, se aproveita de outras terras, culturas e língua, até não haver nelas mais nada a aproveitar.

O povo judeu, apesar de suas aparentes aptidões intelectuais, permanece sem nenhuma cultura verdadeira e, sobretudo, sem cultura própria. O que ele hoje apresenta como pseudo-civilização, é o patrimônio de outros povos, já corrompidos nas suas mãos.

[...] Nunca houve arte judaica, como hoje ainda não há, e que as duas rainhas entre as artes – a arquitetura e a música – nada de espontâneo lhe devem. O que têm feito no terreno artístico é, ou fanfarronice verbal ou plágio espiritual. Além disso, faltam ao judeu aquelas qualidades que distinguem as raças privilegiadas do ponto de vista criador e cultural. (HITLER, 2001, p. 224)

Por não possuir nenhum atributo e viver da imitação e do aproveitamento do que já foi realizado ou conquistado por culturas superiores, segundo Hitler, era de vital importância que a Europa fosse livrada da praga judaica.

Assim sendo, era abominável para ele a ideia de se misturar a raça ariana com qualquer raça inferior:

A perda da pureza de sangue por si só destrói a felicidade íntima, rebaixa o homem por toda a vida, e as consequências físicas e intelectuais permanecem para sempre. Todos os demais problemas vitais, examinados e comparados em relação a este, aparecerão ridiculamente mesquinhos. Todos são limitados no tempo. (HITLER, 2001, p. 242)

A ideia de eugenia¹² é defendida em todo o “Mein Kampf”. É fundamentada, conforme a tese de Hitler, na ideia de que, se a humanidade pudesse ser dividida nas categorias “fundadores”, “depositários” e “destruidores” de Cultura, apenas o Ariano poderia representar a primeira classe. A mistura racial era algo tão terrível para Hitler que ele a compara à perda do Paraíso na história bíblica. Ao sucumbir à mistura racial, o ariano perde sua capacidade civilizadora,

se assemelhando mais aos indígenas subjugados do que a seus antepassados, e

¹² Eugenia é o termo utilizado para se referir à ideologia de superioridade ariana.

isso, não só intelectual como fisicamente. Algum tempo ainda, pode fruir dos bens já existentes da civilização, mas, depois, sobreveio a paralisação do progresso e o homem se esqueceu de si próprio. É desse modo que vemos a ruína de civilizações e reinos, que cedem o lugar a outras formações. (HITLER, 2001, p. 220)

Há, em toda a sua obra, grande exaltação do povo ariano, que tinha como obrigação manter-se puro, mantendo também o alto nível da raça.

Nesta seção, foram discutidas questões relacionadas à personagem de ficção e à personagem histórica, importantes para realizar o estudo comparativo proposto no começo deste trabalho. Lord Voldemort, de acordo com os teóricos Cândido (2009) e Brait (2006), é um personagem redondo – complexo e multifacetado, construído através do uso do narrador em terceira pessoa aliado ao discurso indireto-livre, com função de “agente da ação”, mais especificamente na categoria “oponente”. Concernente à sua relação com a realidade, podemos afirmar que Voldemort é um personagem construído em torno de um modelo real, mas o essencial é inventado. Assim como outros personagens da série “Harry Potter”, Lord Voldemort é de grande importância na construção e no desenvolvimento do enredo, uma vez que, de acordo com Cândido, permite a adesão do leitor. Adolf Hitler, pessoa de ascendência duvidosa, bravo soldado da Primeira Guerra, apesar de ter sido um fracasso como estudante, arquiteto e artista, construiu para si um personagem, que o levou à ascensão e ao sucesso no governo da grande nação Alemã, e também o deixou mais perto do que qualquer outro antissemita de ocasionar o extermínio do povo judeu.

3 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE VOLDEMORT E HITLER

Feita uma reflexão sobre os aspectos mais relevantes da figura histórica Adolf Hitler, e da personagem de ficção Lord Voldemort, nesta seção será realizada uma comparação entre ambos, no intuito de observar em quais aspectos as figuras se assemelham ou diferem.

3.1 OS LIMITES ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

Para realizar um estudo comparativo entre uma figura fictícia e uma personalidade histórica, é necessário respeitar os limites entre realidade e ficção, mencionados no segundo capítulo, seção 2.1. Reconhecemos anteriormente neste trabalho que, no que concerne ao personagem Lord Voldemort, o essencial é inventado. A autora da saga “Harry Potter” parece admitir, em entrevista à BBC Newsround, mencionada na obra “Harry Potter and History”, no ano de 2000, que o vilão da saga tem semelhanças com a pessoa real Adolf Hitler:

Lizo Mzimba: Voldemort também é mestiço.

JK: Assim como Hitler! Viu! Eu acho que este é o caso onde o valentão reúne seus próprios defeitos e os coloca em outra pessoa, e então tenta destruí-los. E é isso o que ele – Voldemort – faz. (REAGIN, 2011, p. 127)¹³

A influência da pessoa real, para a construção do personagem, foi aliada aos recursos de caracterização da personagem, mencionados por Antônio Cândido, que conferem ao personagem fictício maior coerência, e também a possibilidade de total compreensão de caráter, do que a pessoa real:

Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito em sua riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação (CÂNDIDO, 2009, p. 59).

Cândido (2009), conforme afirmamos no segundo capítulo, frisa a impossibilidade da cópia integral de um modelo da realidade, devido à importância da criação artística, o que, no caso da construção das obras da saga “Harry Potter”, foi de extrema importância.

¹³ Lizo Mzimba: Voldemort's a half-blood too.

J.K. Rowling: Like Hitler! See! I think it's the case that the biggest bully takes their own defects and they put them on someone else

3.2 A FIGURA PATERNA

Algo comum entre Adolf Hitler e Lord Voldemort é a relação conturbada que ambos tiveram com suas respectivas famílias, especialmente com a figura paterna. No segundo capítulo, comentamos o breve encontro de Lord Voldemort com a família paterna, e como o rancor, criado pelo abandono do pai, levou Voldemort a assassinar a família e forçar que o tio, Morfino, fosse condenado em seu lugar. É o que Harry descobre através do uso da penseira, em uma de suas aulas particulares com o professor Dumbledore em “Enigma do Príncipe”:

“Nesse meio-tempo, na aldeia de Little Hangleton, uma empregada corria pela rua principal gritando que havia três corpos caídos na sala de visitas da casa grande: Tom Riddle pai, e a mãe e o pai dele. [...] Então o Ministério fez uma visita a Morfino. Não precisaram interrogá-lo nem usar Veritaserum nem Legilimência. Ele confessou o homicídio imediatamente, fornecendo detalhes que somente o assassino poderia conhecer. [...] Não temos lembranças para confirmar isto, mas acho que podemos ter razoável certeza do que aconteceu. Voldemort estupeficou o tio, apanhou sua varinha e atravessou o vale em direção “à casa grande mais adiante na estrada”. Lá, ele matou o trouxa que abandonara sua mãe bruxa, e, por precaução, os avós trouxas, suprimindo, assim, os últimos membros da indignada família Riddle e vingando-se do pai que jamais o quisera”. (ROWLING, 2005, p. 287-288)

O abandono de Tom Riddle pai, e também da família Gaunt, que negligenciara sua mãe durante toda sua vida, causou irreparáveis danos a Lord Voldemort em sua idade adulta. O ato de vingança contra as duas famílias ilustra o ódio e a mágoa que guardara por ter crescido em um orfanato, sem conhecer qualquer ideia de família. A imagem negativa paterna parece ter gerado em Voldemort o seu ódio aos trouxas, e a crença na sua inferioridade.

Adolf Hitler nasceu em uma família de camponeses, com sérias dificuldades financeiras. Tinha grande amor pela mãe, e pelo pai um respeito que só aparece em “Minha Luta”, como apoio à imagem que almejava criar para si mesmo. Conforme Lukacs (1998) e Fest (1976), pai e filho tinham uma relação conturbada, marcada pelo autoritarismo do pai, e pelas discordâncias acerca do futuro de Adolf.

Outro possível ponto de concordância entre as duas figuras é a ascendência de ambas. Temos certeza de que Lord Voldemort tem suas raízes em uma família trouxa.

Porém, o fato de Hitler ter, ou não, sangue judeu permanece até hoje sem confirmação. Enquanto conhecemos com precisão a história de Voldemort, devido aos esforços de Hitler em esconder seu real passado, nunca poderemos ter certeza de que Adolf Hitler tinha um avô judeu. Isto confirma a ideia de Antônio Cândido de que a personagem fictícia pode ser inteiramente compreendida, enquanto a pessoa real permanece uma incógnita.

Ambos procuraram contruir para si uma imagem, livre de qualquer passado comprometedor, inspirada em sua vontade de conquistar a grandeza, cada um a seu modo. Lord Voldemort eliminou a família paterna, numa tentativa de apagar os registros de sua ancestralidade “impura”. Semelhantemente, Adolf Hitler concentrou esforços em manter seu verdadeiro passado em segredo.

3.3 OS OBJETIVOS

A ambição é um dos pontos de discordância entre a figura histórica e a personagem fictícia. Lord Voldemort ambicionava o poder, a glória pessoal, e, acima de tudo, alcançar o estado de imortalidade. Entre os Comensais da Morte, era tido como líder e representante de um ideal sangue-puro. Porém, este ideal era, para Voldemort, de importância secundária. Antes disso, ambicionava ter o controle do mundo bruxo, e derrotar a maior inimiga de todas – a morte, como ele mesmo admite em “O Cálice de Fogo”, na cena em que retorna à sua forma física: “Em que me transformei, nem eu mesmo sei... eu que cheguei mais longe do que qualquer outro no caminho que leva à imortalidade. Vocês conhecem o meu objetivo, vencer a morte” (ROWLING, 2001, p. 519). Para atingir seu objetivo maior, recorreu, em sua trajetória, ao “sangue de unicórnio”, que confere vitalidade a quem o bebe, e, por um tempo, concentrou suas forças na busca pela pedra filosofal. O que o deixou, usando suas próprias palavras, mais perto que qualquer outro do estado de imortalidade, foi a criação das sete Horcruxes, objeto citado no capítulo 2, seção 2.1.3.

Adolf Hitler, por outro lado, tinha como objetivo maior a reunificação da Alemanha e a reestabilização do país após a enorme crise pela qual passara. Tinha, sim, grandes ambições de ordem pessoal, especialmente se considerarmos que fez da missão de reerguer o país, sua missão. Porém, sua pátria era sua maior preocupação, e todas as suas ações eram direcionadas para o bem de sua pátria (ou, pelo menos, era o que acreditava). O problema judeu, para ele, era gravíssimo e deveria ser resolvido. Assim, os

episódios de boicote aos judeus, os decretos que restringiam seus direitos, a segregação deste povo, e também a tentativa de extermínio, foram realizados para “o bem da Alemanha”.

3.4 AS CONQUISTAS

É inegável que Adolf Hitler teve grandes conquistas. Esteve no poder durante doze anos – de 1933 a 1945, e, por um período de tempo, trouxe tranquilidade ao povo alemão assolado pela crise financeira pela qual o país passara. Durante a Segunda Guerra Mundial, seu exército obteve grandes vitórias, conquistou e reconquistou territórios. Apesar de suas atitudes que levaram à consequências drásticas para as comunidades “indesejáveis”, conforme já mencionamos no segundo capítulo, Lukacs não hesita em reconhecer que foram

extraordinárias as realizações de Hitler – antes internas do que externas – nos seus anos de liderança na Alemanha. Ele não apenas tornou a Alemanha a maior, mais respeitada e temida das potências da Europa e não só reuniu os alemães da Áustria, Boêmia e Morávia, a maioria desejando entusiasticamente aglutinar-se em uma Grande Alemanha – mas deixou longe as realizações de Bismarck. (LUKACS, 1998, p. 77-78)

Já Lord Voldemort, por ter como maior objetivo a conquista pessoal do poder e da imortalidade, concentrou seus esforços nestas buscas e, sendo assim, não foram grandes suas conquistas antes de sucumbir. É apenas no último livro da saga, “Harry Potter e as Relíquias da Morte”, que consegue tomar o Ministério da Magia e agir livremente, de acordo com seus próprios princípios, e entregar o comando a Pio Thickenesse, bruxo que estava sob o efeito da Maldição Imperius. Até mesmo o Registro dos Nascidos Trouxa, e a eliminação dos indesejáveis, foi deixado a cargo dos Comensais da Morte, enquanto Voldemort concentrava seus esforços em obter a Varinha das Varinhas¹⁴, objeto que concretizaria sua ambição pessoal de se tornar o maior bruxo de todos os tempos.

3.5 SANGUE PURO E EUGENIA

¹⁴ Uma das “Relíquias da Morte”. Aliada à Pedra da Ressurreição e à Capa da Invisibilidade, tornaria o bruxo portador dos objetos Senhor da Morte. Lord Voldemort procurava apenas a Varinha, que aumentaria seus poderes significativamente.

Uma semelhança inegável entre Lord Voldemort e Adolf Hitler reside em seus ideais de superioridade: sangue puro e eugenia, respectivamente. Esta equivalência pode ser vista com mais clareza no último livro da saga “Relíquias da Morte”, época em que Lord Voldemort e os Comensais da Morte tinham controle total sobre o mundo bruxo, e puderam impor seus ideais à comunidade bruxa, bem como aterrorizar a comunidade trouxa.

Na série literária, bem como no terceiro Reich, diversas medidas foram tomadas pela raça “superior” na intenção de oprimir a “inferior”. Segundo Eduardo Szklarz (2014), autor de um estudo sobre a era nazista, entre 1933 e 1939 surgiram mais de 400 decretos e normas que restringiam os direitos e ditavam normas para a vida pública dos judeus. Aos poucos, crianças foram proibidas de frequentar escolas, médicos, advogados e contadores e outros profissionais foram impedidos de exercer sua profissão. A política antissemita do Terceiro Reich era apoiada pelos “Decretos de Nuremberg”, encarregados de, aos poucos, decretar a morte social do povo judeu.

No mundo bruxo de “Harry Potter”, após o golpe através do qual os aliados de Voldemort passam a ter em seu poder o Ministério da Magia, surgem alguns decretos semelhantes. Algo semelhante já havia sido feito por Dolores Umbridge em “Harry Potter e a Ordem da Fênix”, porém, os decretos ditatoriais eram limitados ao contexto escolar. Os decretos de Umbridge, representante dos interesses do Ministério da Magia em Hogwarts, tinham alto teor ditatorial, o que pode ser relacionado ao controle rígido do regime nazista. Por exemplo, o seguinte decreto,

POR ORDEM DA ALTA INQUISIDORA DE HOGWARTS

Doravante, os professores estão proibidos de passar informações aos estudantes que não estejam estritamente relacionadas com as disciplinas que são pagas para ensinar.

A ordem acima está de acordo com o Decreto Educacional Número Vinte e Seis

Assinado: Dolores Joana Umbridge, Alta Inquisidora. (ROWLING, 2003, p. 450)
(grifos da autora)

está diretamente ligado à doutrinação e à censura rígida, características do Terceiro Reich.

Ao suspeitar que a educação da polêmica matéria Defesa Contra a Arte das Trevas estava sendo, de alguma forma, extra-classe, proíbe a existência de organizações e sociedades dentro da Escola:

POR ORDEM DA ALTA INQUISIDORA DE HOGWARTS

Todas as organizações, sociedades, times, grupos e clubes estudantis estão doravante dissolvidos.

Uma organização, sociedade, um time, grupo ou clube é aqui definido como uma reunião regular de três ou mais estudantes.

A permissão para reorganizá-los deverá ser solicitada à Alta Inquisidora.

O estudante que tiver organizado ou pertencer a uma organização, sociedade, um time, grupo ou clube não aprovado pela Alta Inquisidora será expulso. (ROWLING, 2003, p. 291)

A preocupação das autoridades quanto à resistência estudantil é outra semelhança encontrada entre o objeto de estudo fictício e o histórico, e será retomada na seção 3.6. Sob a tutela de Umbridge, houve, ainda, o uso de tortura como forma de punição aos alunos, algo que pode ser relacionado às atitudes das autoridades em regimes totalitários.

Em “Harry Potter e as Relíquias da Morte”, o primeiro decreto a surgir teve como objetivo a segregação dos nascidos trouxa, como é mostrado no trecho a seguir, no qual Hermione Granger lê no jornal bruxo “O Profeta Diário” as medidas tomadas pela Nova Ordem:

Hermione virou as páginas do jornal com a mesma expressão de novo com que segurava *Os segredos das artes mais tenebrosas*. E leu em voz alta:

- Registro para os Nascidos Trouxas

“O Ministério da Magia está procedendo a um censo dos chamados “nascidos trouxas” para melhor compreender como se tomaram detentores de segredos da magia.

“Pesquisas recentes feitas pelo Departamento de Mistérios revelam que a magia só pode ser transmitida de uma pessoa a outra quando os bruxos procriam. Portanto, nos casos em que não há comprovação de ancestralidade bruxa, os chamados nascidos trouxas provavelmente obtiveram seus poderes por meio do roubo ou uso de força.

“O Ministério tomou a decisão de extirpar esses usurpadores da magia e, com essa finalidade, enviou um convite para que se apresentem a uma entrevista com a recém-nomeada Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas” (ROWLING, 2007, p. 167) (grifos da autora)

Aliado à exigência de registro dos Nascidos Trouxas, também passou a ser exigida a frequência de estudantes legitimamente bruxos na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, tendo como objetivo o controle sobre a educação dos jovens bruxos.

Quando Harry, Rony e Hermione invadem o Ministério procurando por uma das Horcruxes de Voldemort, em “Harry Potter e as Relíquias da Morte” se deparam com uma nova política, baseada na premissa de que “Magia é poder”. Estes dizeres se encontravam em uma estátua de pedra, que mostrava um bruxo e uma bruxa sentados em tronos entalhados.

Harry olhou com mais atenção e percebeu que aquilo que imaginou serem tronos

ornamentados eram, na realidade, esculturas humanas: centenas de corpos nus, homens, mulheres e crianças, todos com feições idiotas e feias, torcidos e comprimidos para sustentar os bruxos com belos trajes.

- Trouxas – sussurrou Hermione – No lugar que realmente lhes cabe, (ROWLING, 2007, p. 192)

Ainda nesta mesma visita, vemos registro não apenas de bruxos nascidos-trouxa, mas também de bruxos puro-sangue que, em algum momento, tiveram contato ou vínculo com a raça inferior. É o caso da família Weasley. O trio principal assiste, ainda, ao interrogatório de Maria Cattermole, bruxa nascida-trouxa, que, de acordo com as autoridades, havia roubado sua varinha e sua magia de algum outro bruxo legítimo. O interrogatório utiliza os Dementadores – guardas de Azkaban – como forma de intimidação e tortura. Não existiam Dementadores, criaturas macabras que trazem às vítimas algo pior que a morte – a perda da alma, para interrogatório na Alemanha nazista, mas não se pode dizer o mesmo de outras formas de tortura. Na série literária, a presença dos Dementadores causa nas personagens um enorme medo, e grande mal-estar. Semelhante ocorria no cenário da Alemanha no Terceiro Reich, no qual o medo das ações da Gestapo, polícia secreta responsável pela ordem e pela captura dos judeus, resistentes e indesejáveis, era algo que fazia parte de toda a população.

Conforme crescia a segregação na Alemanha, muitos judeus, negros, ciganos e outros “indesejáveis” se viram obrigados a fugir ou se esconder. A saga literária ilustra esta fuga na situação de Dino Thomas, Ted Tonks e Dirk Cresswell, nascidos-trouxa, e Grampo e Gornope, duendes, também raça considerada inferior aos bruxos e perseguida quando o mundo bruxo estava sob domínio de Voldemort e seus aliados. O grupo é retido, por uma quadrilha de sequestradores, que buscava na captura de fugitivos obter lucro pessoal.

3.6 O CONTROLE DA IMPRENSA

Outra semelhança encontrada entre o regime Nazista e o que vigorava durante “Relíquias da Morte” é o controle meticuloso da imprensa. A propaganda nazista era eficaz em manter o povo alemão sob controle, e convencê-los de que o país estava em progresso, a caminho da vitória na Segunda Guerra. Em “Harry Potter”, o principal jornal bruxo, “Profeta Diário”, imediatamente sucumbe às exigências do novo regime. Xenofílio

Lovegood¹⁵ se propõe a publicar em seu jornal “O Pasquim” um verdadeiro retrato do regime puro-sangue. É o que afirma o grupo de fugitivos Dino, Ted e Dirk:

- *O Profeta?* - caçou Ted – Você merece que lhe mintam, se ainda lê aquele lixo, Dirk. Se quer saber dos fatos, experimente ler *O Pasquim*.
- [..]
- *O Pasquim?*, aquela revistinha delirante do Xenio Lovegood?
- Não está tão delirante, ultimamente. Você está precisando dar uma lida. Xenio está publicando tudo que o *Profeta* tem omitido, e não fez uma única menção a Bufadores de Chifre Enrugado na última edição. Mas entenda, quanto tempo vão deixá-lo livre para fazer isso, não sei. (ROWLING, 2007, p. 237) (grifos da autora)

De fato, pouco tempo depois Luna Lovegood, filha de Xenofílio, foi levada pelos Comensais da Morte como garantia de que as publicações não mais contrariariam a nova ordem.

3.7 A RESISTÊNCIA

Também podemos relacionar a resistência dos estudantes em Hogwarts – em especial estudantes que fizeram parte da Armada de Dumbledore¹⁶, com os movimentos de resistência alemã. Aleto e Amico Carrow, professores de Estudos dos Trouxas e Defesa Contra a Arte das Trevas, respectivamente, eram encarregados de dar aos estudantes uma educação direcionada nos moldes da nova ordem. Muitos estudantes resistiram ao novo regime escolar, e foram duramente castigados por isso. Entre eles, Neville Longbottom. Quando Harry, Rony e Hermione retornam à Escola para finalizar sua procura pelas Horcruxes, se deparam com um Neville quase irreconhecível:

- Quanto mais Harry olhava o colega, pior ele lhe parecia: tinha um dos olhos inchado, amarelo e roxo, havia marcas fundas em seu rosto e sua aparência de desleixo sugeria que passara um mau bocado.
- [...] “Aleto, a irmã do Amico, ensina Estudos dos Trouxas, que é obrigatório para todos. Temos de ouvi-la explicar que os trouxas são animais, idiotas e porcos, e que obrigaram os bruxos a entrar na clandestinidade porque os tratavam com violência, e que a ordem natural está sendo restaurada. Recebi esse outro – ele apontou para um corte no rosto – porque perguntei qual é a porcentagem de sangue trouxa que ela e o irmão têm”. (ROWLING, 2007, p. 445-447)

¹⁵ Xenofílio Lovegood, pai da personagem Luna Lovegood, amiga de Harry Potter. A Família Lovegood era conhecida no mundo bruxo por sua extravagância no vestuário, e por suas crenças em criaturas que, supostamente, seriam inexistentes, como os Bufadores de Chifre Enrugado, por exemplo.

¹⁶ “Armada de Dumbledore” foi um grupo de estudantes que em “A ordem da Fênix” recebia lições de Harry Potter, contrariando a professora de Defesa Contra a Arte das Trevas, que mantinha suas aulas livres de qualquer ensinamento eficaz.

O trio encontra em Hogwarts muitos de seus amigos em situação semelhante à de Neville, e muitos deles escondidos na Sala Precisa, que, nessas circunstâncias, passou a servir de abrigo para os que resistem.

De acordo com Eduardo Szklars (2014), houve grande resistência ao regime nazista. Muitos jovens judeus, que escaparam da ação dos nazistas, se tornaram guerrilheiros, e participaram de diversas investidas contra o regime. Szklars (2014) afirma que houve, ainda, grande resistência por parte da juventude alemã, que aos poucos percebia as falhas na Juventude Hitlerista. O autor cita a organização de resistência não-violenta Rosa Branca, criada pelos irmãos Hans e Sophie Scholl, parte da Juventude Hitlerista. “Rosa Branca” utilizava como arma uma máquina de escrever e um mimeógrafo; criavam e distribuíam panfletos atacando o regime. Após distribuírem panfletos desta ordem na Universidade de Munique, foram delatados por um funcionário, e mortos na guilhotina.

Respeitando os limites entre a realidade e a ficção, reconhecidos pelos teóricos estudados, o estudo comparativo realizado nesta seção mostrou semelhanças entre a pessoa fictícia Lord Voldemort, e a personalidade histórica Adolf Hitler. Ambos tiveram problemas com a figura paterna: Lord Voldemort nem mesmo chega a ter uma relação problemática com o pai ou a família paterna, uma vez que tamanho ressentimento o levou ao assassinato antes mesmo que tivessem a chance de se conhecer. Adolf Hitler, apesar de manter nos relatos contidos em sua autobiografia um tom respeitoso ao falar do pai, de acordo com Fest (1976) e Lukacs (1998), teve com Alois Hitler uma relação conturbada, caracterizada por opiniões adversas e pela dúvida de Adolf com relação aos seus antepassados. Há, ainda, a possibilidade de ancestralidade judia de Hitler, que o tornaria ainda mais similar à Voldemort. Seus objetivos e suas conquistas são o principal ponto de divergência entre os dois. A principal semelhança reconhecida está nos ideais de superioridade sangue-puro e do antissemitismo, e nas formas de governo do Terceiro Reich e da Nova Ordem em “Harry Potter”, o que inclui a questão do controle de imprensa e dos movimentos de resistência.

4 AS DUAS FACES DO MAL

É indiscutível o fato de que as ações de Lord Voldemort, durante toda a obra, são más. Também não se pode contrariar o fato de que, apesar de ter reerguido a Alemanha em sua fase mais instável, Adolf Hitler cometeu atos de tamanha maldade que podem ser considerados as maiores atrocidades vistas pela humanidade no século XX.

Para cumprir o propósito da análise do mal nas ações de Voldemort e Hitler, será utilizado o conceito de mal adotado pelo filósofo Boécio (480 – 525), bem como as reflexões de Santo Agostinho (354-430), as quais serviram de base para a teoria do filósofo. Serão também utilizadas as considerações da teórica Hannah Arendt acerca do mal banalizado. Para fins de análise do personagem fictício, serão utilizados os autores Jennifer Hard Weed (2004), Mikhail Lyubansky (2008), e Christopher J. Patrick e Sarah K. Patrick (2006), cujos trabalhos discorrem sobre o mal na série “Harry Potter”.

4.1 O MAL COMO DESVIO DO BOM CAMINHO

A obra “A consolação da filosofia” foi escrita por Boécio quando estava na prisão de Pávia, condenado por suposta oposição a Teodorico (que reinava em Roma naquela época), pouco tempo antes de sua execução. Segundo Marc Fumaroli (BOÉCIO, 1998, p. 7), responsável pelo prefácio da edição utilizada, “trata-se de uma obra-prima da literatura e do pensamento europeu; ela se basta, e teria o mesmo valor se ignorássemos tudo a respeito daquele que a concebeu entre duas sessões de tortura, à espera de sua execução.” (*id*). Na obra, que é dividida em cinco livros, Anicius Manlius Severinus Boetius trava um diálogo com a Filosofia, personagem que vem consolá-lo e lhe dar respostas.

No livro III, Boécio afirma que todos os mortais tem como única e maior preocupação a busca pela felicidade, o que segundo ele é

um bem que, ao ser obtido, não deixa lugar para nenhum outro desejo. E é realmente o bem supremo, que contém em si mesmo todos os bens: se apenas um lhe falasse, ele não poderia ser o bem supremo, pois fora dele haveria algo ainda a ser desejado. É claro, portanto, que a felicidade é um estado de perfeição, pelo fato de reunir em si mesma todos os bens. (BOÉCIO, 1998, p. 55)

Considerando a importância desta procura, o ser humano age não para atingir o mal, mas para atingir o bem, no caso, a felicidade. Boécio afirma que, muitas vezes, os

homens em sua ignorância perseguem o que chama de “falsos bens”, que seriam, por exemplo, a riqueza e o poder. Além disso, os meios utilizados para atingir o estado de felicidade almejado podem, muitas vezes, causar o mal.

É o caso de Lord Voldemort, que buscava o poder e a vida eterna, que representavam para ele o estado de felicidade. Entretanto, essa busca ocasionou o mal em muitas situações. Isto se aplica, também, ao caso de Adolf Hitler, que propunha o extermínio de diversas raças, mas acreditava estar fazendo isto para o bem, uma vez que a humanidade estaria melhor se estivesse “limpa”, restando apenas a raça ariana, considerada por ele superior.

O filósofo Boécio entende o mundo como dirigido por Deus, que tem poder sobre todas as coisas, e reconhece que “Deus é o bem, e o bem é, de certa forma, o piloto e o governante que garantem a estabilidade do universo” (BOÉCIO, 1998, p. 89). Assim, Deus dirige tudo para o bem, sob o comando do bem, o que torna a existência do mal algo impossível. Em seu diálogo com a Filosofia, Boécio reflete:

'Poderia acaso Deus fazer o mal?' De forma alguma. 'Portanto, o mal não existe, pois mesmo o que pode tudo não pode fazer o mal'. [...] Tu sustentavas ainda que Deus dirigia o todo sob o comando do bem, que todos os seres lhe obedeciam por sua própria vontade, sendo que o mal não tinha natureza própria. (BOÉCIO, 1998, p. 90)

Boécio afirma ainda que a felicidade é “o soberano bem”, que reside no “Deus soberano” (*id.*).

No começo do livro IV, porém, se mostra preocupado com a possível existência do mal, apesar do universo estar sob o comando de um ser bom; mal que, além de existir, possa permanecer impune. Para responder à essas preocupações, a Filosofia afirma que há duas condições para a realização das coisas humanas: a vontade e a capacidade. Se todo o esforço humano é voltado para a busca pela felicidade, e a felicidade é o próprio bem, todos, bons ou maus, estão, na verdade à procura do bem. Afirma ainda que, “se o bem é poderoso, torna-se clara a fraqueza do mal” (BOÉCIO, 1998, p. 98). Ainda neste diálogo, a Filosofia não nega a capacidade de se fazer o mal, mas diz que, se há capacidade de fazer o mal, há também a capacidade para fazer o bem.

De tudo que foi dito, o poder dos bons e a fraqueza dos maus não podem ser postos em dúvida. Por isso Platão têm razão em pensar que apenas os sábios têm o poder de realizar seus desejos, enquanto os desonestos fazem o que lhes causa

prazer, mas não têm o poder de satisfazer seus desejos. Na realidade, fazem tudo o que lhes agrada pensando obter o bem que desejam graças ao que o prazer proporciona; no entanto, não obtêm absolutamente nada, pois as más ações não conduzem à felicidade.” (BOÉCIO, 1998, p. 102)

Dito isso, Boécio afirma ainda que “jamais as boas ações são deixadas sem recompensa nem as más sem seu castigo” (BOÉCIO, 1998, p. 103). A recompensa às boas ações seria, simplesmente, o alcance do bem. O castigo para quem pratica o mal, por sua vez, seria a perda da natureza humana.

se a bondade pode elevar um homem acima da natureza humana, é necessário concluirmos que a maldade rebaixa os que a ela se aplicam para alguém do nível humano. [...] Dessa forma, sucede que, se ele deixa de ser homem por ter dissimulado o verdadeiro caráter do bem, incapaz de ascender à condição divina, transforma-se em besta. (BOÉCIO, 1998, p. 105 – 106)

Isto é facilmente reconhecido nas figuras estudadas. Em Adolf Hitler, tamanho descaso para com outros seres humanos pode ser facilmente interpretado como perda relativa da natureza humana. Já em Voldemort, esta perda é tanta que, na maior parte do enredo, não pode ser encontrada no personagem nenhum traço de humanidade; o personagem não mostra, em nenhum momento, qualquer emoção humana, como amor ou compaixão. A perda da natureza humana, no seu caso, chega a ser física. Já no primeiro livro, Voldemort não possui um corpo próprio – após ser derrotado, perdeu o corpo físico e passou a viver à sombra de outros seres vivos: “Onde deveria estar a parte de trás da cabeça de Quirrel, havia um rosto, o rosto mais horrível que Harry já vira. Era branco-giz com intensos olhos vermelhos e fendas no lugar das narinas, como uma cobra.” (ROWLING, 2000, p. 97). Seu corpo passa a ser animalizado, o que pode ilustrar a perda da natureza humana. Voldemort perdeu seu corpo físico ao tentar assassinar Harry Potter, na época um bebê, e só o retomou efetivamente em “O cálice de fogo. Seu novo corpo, no entanto, é descrito de forma animalizada, remetendo à forma de uma cobra:

Mais branco que um crânio, com olhos grandes e vermelhos, um nariz chato como o das cobras e fendas no lugar das narinas...[...] Suas mãos eram como aranhas grandes e pálidas; seus longos dedos brancos acariciaram o próprio peito, os braços, o rosto; os olhos vermelhos, cujas pupilas eram fendas, como as de um gato, brilhavam ainda mais no escuro. (ROWLING, 2001, p. 511-512)

Podemos também relacionar a perda da natureza humana como punição ao homem mau ao antissemitismo de Hitler. Em “Mein Kampf”, Hitler afirma que “Quem,

cautelosamente, abrisse o tumor haveria de encontrar, protegido contra as surpresas da luz, algum judeuzinho. Isso é tão fatal como a existência de vermes nos corpos putrefatos” (HITLER, 2001, p. 47). A ideia do povo judeu como verme, ou parasita da cultura de outros povos, perdura por quase toda a obra, em diversos trechos. Na citação a seguir, retoma a ideia do judeu inferior:

Se os judeus fossem os habitantes exclusivos do Mundo, não só morreriam sufocados em sujeira e porcaria como tentariam vencer-se e exterminar-se mutuamente, contanto que a indiscutível falta de espírito de sacrifício, expresso na sua covardia, fizesse, aqui também, da luta uma comédia (HITLER, 2001, p. 224)

A ideia do povo judeu ser parasitário de uma cultura, e conseqüentemente inferior às demais civilizações, é retomada em diversos trechos da obra.

[...] O povo judeu, apesar de suas aparentes aptidões intelectuais, permanece sem nenhuma cultura verdadeira e, sobretudo, sem cultura própria. O que ele hoje apresenta, como pseudo-civilização, é o patrimônio de outros povos, já corrompidos nas suas mãos. [...] O judeu não possui força alguma suscetível de construir uma civilização e isso pelo fato de não possuir nem nunca ter possuído o menor idealismo, sem o qual o homem não pode evoluir em um sentido superior. Eis a razão por que sua inteligência nunca construirá coisa alguma (HITLER, 2001, p. 225)

Tamanho descaso (ou pouco caso) para com outros seres humanos pode ser facilmente interpretado como perda relativa da natureza humana, castigo para a prática do mal.

As reflexões sobre o mal feitas por Boécio são semelhantes às feitas anteriormente por Santo Agostinho. Em sua narrativa “Confissões”, Santo agostinho, no que diz respeito à origem do mal, afirma que, em um mundo criado e governado por Deus, o mal não existe. Tudo que existe é bom: “Deste modo, vi e me pareceu evidente que criaste boas todas as coisas, e que nada existe que não tenha sido criado por ti” (AGOSTINHO, 2002, p. 192). Também em sua obra “O livre arbítrio”, Santo Agostinho (1995) assume que uma vez que Deus é bom, e criou todas as coisas boas, não poderia ser criador do mal. Ao questionar se o mal pode ser ensinado, Agostinho afirma que toda instrução é boa:

Logo, se toda a inteligência é boa, e quem não usa da inteligência não aprende, segue-se que todo aquele que aprende procede bem. Com efeito, todo aquele que aprende usa da inteligência e todo aquele que usa da inteligência procede bem. Assim, procurar o autor de nossa instrução, sem dúvida, é procurar o autor de

nossas boas ações. (AGOSTINHO, 1995, p. 27)

Ainda sobre o ensino do mal, afirma que: “se a instrução falar sobre o mal, será para nos ensinar a evitá-lo e não para nos levar a cometê-lo. De onde se segue que, fazer o mal, não seria outra coisa do que renunciar à instrução.” (*id*) Ao assumir que o mal não pode ser ensinado, assume que a prática do mal ocorre quando o indivíduo se afasta do caminho da instrução.

O mal, nesta concepção, vem do mau uso do livre arbítrio – concedido por Deus aos homens, que criados à sua imagem e semelhança, são os únicos seres dotados de razão. Ao fazer mau uso desta razão, e se desviar do bom uso do livre arbítrio, o homem age impulsionado pela paixão, aqui entendida como “amor desordenado por coisas terrenas (AGOSTINHO, 1995 p. 35)”. O domínio da paixão sobre a razão no uso do livre arbítrio leva ao mal – ou, segundo Agostinho, ao pecado.

O teórico faz, ainda, a distinção entre o “mal físico” e o “mal moral”:

O primeiro pertence à ordem corporal e se traduz pelo sofrimento. O segundo é essencialmente a violação voluntária e livre de ordem desejada por Deus — é o que chamamos de falta ou pecado. Um e outro mal são, não apenas simples ausência de um bem superior à natureza, mas privação de um bem que é próprio dessa mesma natureza. (AGOSTINHO, 1995, p. 22)

A visão do mal em Lord Voldemort, de acordo com o filósofo Boécio, foi objeto de pesquisa de Jennifer Hart Weed (2004). No artigo “Voldemort, Boethius, and the Destructive Effects of Evil”, Weed (2004) afirma que “o indivíduo determina seu caráter em virtude das ações que executa, então depende dele melhorar ou piorar seu caráter a partir das decisões que toma” (WEED, 2004, p. 149). O artigo de Weed (2004) enfatiza o problema das ações maléficas, uma vez que ao serem praticadas, é impossível alcançar a felicidade – principal objetivo do ser humano. Uma vez que todas as ações de Voldemort são direcionadas à conquista de poder e imortalidade, algo que na filosofia de Boécio não pode ser objeto de felicidade, nunca alcançará a felicidade plena. Weed (2004) discorre também sobre a relação parasitária do mal em relação ao bem. Nesta concepção, em que o mal existe apenas como algo secundário, a autora afirma que Voldemort:

[...]Preza acima de tudo poder político e influência, que não são por si só coisas ruins. Por valorizar o poder, ele tenta aniquilar todos aqueles que se opõem a ele. Ao invés de procurar as maiores virtudes, como amor e amizade, Voldemort se volta ao assassinato e fraude para garantir sua ascensão ao poder. (WEED, 2004,

p. 150)¹⁷

Weed (2004) reflete também sobre a afirmação de Boécio de que o que nos diferencia dos outros seres é a nossa habilidade de pensar racionalmente. Segundo ela, ao negar a existência do bem e do mal, e afirmar que existe apenas o poder (ROWLING, 2000), Voldemort renuncia à natureza humana, pois: “Sem a habilidade de ver a diferença entre o certo e o errado, quem pratica o mal passa a parecer com um animal, uma vez que animais também não possuem essa habilidade” (WEED, 2004, p. 152)¹⁸.

Conforme observado por Weed (2004), em “A Pedra Filosofal”, Voldemort renuncia à existência de “bem” ou “mal”, afirmando que “só existe o poder, e aqueles que são demasiado fracos para o desejarem” (ROWLING, 2000, p. 248). Segundo Lukacs, Hitler, em certa ocasião, afirmou que “a vida é uma amarga e contínua luta entre o fraco e o forte, que na luta o mais forte e mais hábil sempre vencerá, e que a vida não é governada pelos princípios de humanidade, mas pela vitória e a derrota” (LUKACS, 1998, p. 61). Enquanto Voldemort admite apenas a existência do poder, e daqueles que são fracos para o desejarem, Hitler considera a vida uma eterna luta não entre bem e o mal, que são princípios básicos da humanidade, mas entre o fraco e o forte. Ambas as afirmações de Voldemort e Hitler são características do mau uso do livre-arbítrio, movido pelas paixões e não pela razão. Ao fazer mal uso do livre arbítrio, se afastam de Deus - bem supremo, que fez o homem à sua imagem e semelhança.

Tomando como verdadeira a premissa de Boécio de que às boas ações são reservadas boas recompensas, e jamais más ações serão esquecidas sem punição, a qual seria a perda da natureza humana, podemos reconhecer esta punição tanto em Adolf Hitler quanto em Lord Voldemort.

Em meio à sua busca pelo poder supremo no mundo bruxo, o que incluía o poder de derrotar a morte, Lord Voldemort deixou um rastro de destruição. Adolf Hitler, em seu objetivo de reunificar a Alemanha e devolver à sua amada pátria seus dias de glória, considerou o problema judeu de ordem igualmente importante à reestabilização da nação alemã, elaborando, junto com partidários de seus ideais, para solucionar este problema a

¹⁷ Prizes above all else political power and influence, which are not in themselves bad things. Because he values power, he attempts to annihilate all those who oppose him. Rather than pursuing higher goods, such as love and friendship, Voldemort turns to murder and deceit to ensure his rise to power.

¹⁸ Without the ability to tell the difference between right and wrong, the evildoer begins to resemble an animal, since animals lack this ability also.

“solução final”. Em ambos os casos, os resultados foram desastrosos. Assim como ao final da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha terminou com seu território dividido, e Hitler encerrou sua “missão” apelando para o suicídio. Lord Voldemort, ao final da saga “Harry Potter”, é derrotado.

No que se refere à sua relação com a Segunda Guerra Mundial, Fest (1976) afirma que não há dúvidas de que Adolf Hitler foi seu maior fomentador. “A atitude de Hitler durante a crise, suas insidiosas provocações, sua irresistível necessidade de levar as coisas até um ponto crítico, talvez até mesmo a grandes catástrofes” (FEST, 1976, p. 721) deixavam clara a sua posição a respeito do estado de guerra. Hitler acreditava que o estado de paz deixava os homens à mercê das leis da natureza, enquanto que o estado de guerra assegurava ao povo o seu espaço vital, que “sempre fora obtido e conservado pela luta” (*id*).

Ainda dentro da perspectiva religiosa, que compreende o mundo como dirigido e vigiado por Deus – entidade de supremo bem, Patrick e Patrick (2006), traça um paralelo entre Lord Voldemort e Lúcifer, a representação bíblica do mal. Dentro deste entendimento bíblico, Lúcifer, que é popularmente conhecido como Demônio, Diabo, entre outros termos, foi exilado da companhia de Deus e dos outros anjos: “Lucifer se opôs a Deus por causa de seu desejo de alcançar poder e autoglorificação, e conseqüentemente foi expulso do Paraíso por Deus e banido para o Inferno” (PATRICK; PATRICK, 2006, p. 223)¹⁹. Assim como Lúcifer, Voldemort renuncia à educação que teve em Hogwarts, como qualquer aluno bruxo, e parte em busca de poder e imortalidade. Entre outros aspectos semelhantes, o que mais chama a atenção é a forte relação do personagem Voldemort com a cobra, pois foi através de uma serpente que Lúcifer tentou Adão e Eva, ocasionando a expulsão dos dois do Paraíso. Patrick e Patrick (2006) atentam também para a semelhança entre o episódio em que Jesus é tentado pelo Mal, e o momento em que Voldemort, inutilmente, faz uma tentativa de trazer Harry para o lado das trevas.

4.2 A BANALIDADE DO MAL

A Teoria do Mal Banalizado – segundo a qual a prática do mal é encontrada no homem banal, que não reflete sobre as conseqüências ou os motivos de seus atos, foi

¹⁹ *Lucifer opposed God because of his own desires to attain power and self-glorification, and as a consequence was cast out of Heaven by God and banished to Hell.*

elaborada pela filósofa Hannah Arendt, e se encontra na obra “Eichmann em Jerusalém”, publicada em 1963. A obra narra o julgamento de Otto Adolf Eichmann a partir da perspectiva de Arendt. Eichmann foi levado à julgamento na cidade de Jerusalém por sua participação na “solução final” dada ao problema dos judeus na Segunda Guerra Mundial. Após assistir ao intenso julgamento – e condenação - de Eichmann, Arendt conclui que

Eichmann não era nenhum lago, nenhum Macbeth, e nada estaria mais distante de sua mente do que a determinação de Ricardo III de “se provar um vilão”. A não ser por sua extraordinária aplicação em obter progressos pessoais, ele não tinha nenhuma motivação. E essa aplicação em si não era de forma alguma criminosa; ele certamente nunca teria matado seu superior para ficar com seu posto. Para falarmos em termos coloquiais, ele *simplesmente nunca percebeu o que estava fazendo*. (ARENDR, 1999, p. 192) (grifos da autora).

A teórica afirma que, na ocasião, Eichmann dizia: “Com o assassinato dos judeus não tive nada a ver. Nunca matei um judeu, nem um não-judeu – nunca matei nenhum ser humano. Nunca dei uma ordem para matar fosse um judeu fosse um não-judeu; simplesmente não fiz isso” (ARENDR, 1999, p. 19). Ao perceber que Adolf Eichmann, que embarcou milhares de judeus nos trens cujo destino era a morte, não se sentia de forma nenhuma responsável por todas as vidas acabadas quando o trem chegou ao seu destino, Arendt percebe que a sociedade foi responsável por criar indivíduos incapazes de avaliar moralmente suas próprias ações.

De acordo com essa teoria, o mal, para Arendt (1999), é praticado pelo ser humano comum, que pratica o mal, mas não se sente responsável. Foi, de acordo com a teórica, o que aconteceu com Eichmann, que, em sua defesa, afirmou que apenas obedeceu às ordens de embarcar os judeus nos trens que iam para campos de extermínio. Quando, anos depois, foi julgado em Jerusalém, Eichmann não se sentia pessoalmente responsável pela morte dos milhares de judeus que embarcara naqueles trens, nem sequer se considerava um nazista. Ao descrever Eichmann, Arendt afirma que: "apesar de todos os esforços da promotoria, todo mundo percebia que esse homem não era um ‘monstro’, mas era difícil não desconfiar que fosse um palhaço" (ARENDR, 1999, p. 67).

A crença no homem mau como produto da sociedade pode ser reconhecida na saga “Harry Potter”, tanto no personagem Lord Voldemort quando em seus seguidores “Comensais da Morte”. O antagonista é considerado líder do movimento que considerava bruxos puro-sangue superiores, mas este movimento é anterior a ele. Essa ideologia não se originou com Voldemort, mas com Salazar Slytherin, seu antepassado e um dos

fundadores da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, que acreditava que apenas bruxos nascidos em famílias inteiramente bruxas deveriam ter o privilégio de estudar em Hogwarts, como mencionado na seção 2.1.3.

O mal banalizado nas obras da série literária é reconhecido por Lyubansky (2008), através de um paralelo entre os Comensais da Morte e os membros do partido nazista. Lyubansky (2008) faz, ainda, uma comparação entre a manifestação do mal na época do Terceiro Reich, e a identificada em diferentes pontos da série, como os decretos que restringiam os direitos dos judeus, e os decretos que restringiam os direitos dos nascidos trouxa no último livro “Harry Potter e as Relíquias da Morte”, quando o Ministério da Magia cai sob o domínio de Voldemort, semelhança mencionada no terceiro capítulo.

É necessário, porém, ter cautela ao aplicar a teoria de Hannah Arendt ao ditador Adolf Hitler, uma vez que a sociedade que produziu o mal banalizado encontrado em Otto Eichmann estava sob seu domínio.

Adolf Hitler não foi criador do antissemitismo. O movimento, que antes era de ordem religiosa, é muito anterior a ele. Segundo o próprio Hitler em “Mein Kampf”, dedicou-se por muito tempo ao estudo de folhetos antissemitas, procurando entender a questão. Uma vez entendida, tornou-se seu principal defensor, e hoje é conhecido como o principal representante do movimento antissemita já conhecido

Hoje me é difícil, senão impossível, dizer quando a palavra *judeu* pela primeira vez foi objeto de minhas reflexões [...]

Não quero afirmar que a maneira por que os conheci me tenha sido particularmente agradável. Eu só via no judeu o lado religioso. Por isso, por uma questão de tolerância, considerava injusta a sua condenação por motivos religiosos. O tom, sobretudo da imprensa anti-semítica de Viena parecia-me indigno das tradições de cultura de um grande povo. Causava-me mal-estar a lembrança de certos fatos da Idade Média, cuja reprodução não desejava ver. Como esses jornais não valiam grande coisa – e a razão disso eu então não conhecia – via neles mais o produto de mesquinha inveja do que o resultado de uma questão de princípios, embora falsos. (HITLER, 2001, p. 44-45)

Através deste trecho, retirado de “Mein Kampf”, podemos sustentar a afirmação de que a política antissemita era parte da sociedade na qual Hitler vivia. O futuro ditador, em seu livro, afirma que suas opiniões acerca do povo judeu foram a sua “maior metamorfose” (HITLER, 2001, p. 46). Logo que adquire mais conhecimento acerca da questão, passa a ver o povo judeu como um indivíduo extremamente inferior – tão inferior que é, durante toda a obra, referido como “verme” ou “parasita”.

Podemos afirmar, baseado nas ideias de Arendt, que o mal de Hitler foi, também, produzido pela sociedade. Contudo, não se pode isentar Hitler da responsabilidade de seus atos. Diferentemente de Eichmann, que era apenas um burocrata cumpridor de ordens, Hitler planejou, juntamente com outros aliados, o extermínio de toda uma raça.

Assim como em Hitler, não é possível afirmar que Lord Voldemort era um burocrata, que apenas cumpria ordens de seus superiores. Seus atos de maldade foram praticados conscientemente, visando alcançar seu maior objetivo – o poder, sobre a morte, inclusive.

Em conclusão, podemos afirmar que a teoria acerca da origem e manifestação do mal do filósofo Boécio, baseada nas reflexões de Santo Agostinho, é, entre as teorias estudadas, a que melhor explica o mal em Lord Voldemort e Adolf Hitler. Boécio (1998) e Santo Agostinho (1995) consideram o mal como resultado do uso indevido do livre-arbítrio, efeito colateral da tentativa de alcançar a felicidade – maior desejo do ser humano. A Teoria do Mal Banalizado, que considera o mal como produto da sociedade, realizado pelo homem banal que se exime de um julgamento moral de suas ações, elaborada por Hannah Arendt, pode ser vista em Adolf Hitler e Lord Voldemort ao considerarmos que suas ações foram realizadas a partir de ideais já consolidados em suas respectivas sociedades. Contudo, nem Hitler nem Voldemort podem ser considerados exemplos do “homem banal”, que, segundo Arendt, não possui consciência do mal que pratica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizar um estudo do ditador Adolf Hitler, a partir das obras de Joaquim Fest (1976), John Lukacs (1998) e do próprio Hitler (2001), e da personagem de ficção Lord Voldemort a partir das teorias de Antônio Cândido (2009) e Beth Brait (2006), foi possível traçar um panorama das semelhanças e diferenças entre a figura fictícia e a histórica.

Lord Voldemort, principal antagonista da série, personagem redondo e construído com o uso do narrador em terceira pessoa, aliado ao discurso indireto-livre, possui função de “agente da ação” e se enquadra na subcategoria “oponente”. A respeito de sua relação com a realidade, aspecto de grande importância em um estudo comparativo, podemos afirmar que Voldemort pode ser considerado um personagem construído em torno de um modelo real; contudo, o essencial é inventado. Adolf Hitler, apesar de ser um dos mais conhecidos ditadores desde a época do holocausto, não pode ter negada sua grandeza. Suas origens são duvidosas, sua vida escolar foi conturbada e marcada por rejeições e reprovações. Após servir como soldado na Primeira Guerra, construiu para si uma imagem impecável, que contribuiu para a construção de sua reputação, e para alavancar sua carreira de político.

Podemos afirmar que, considerando o distanciamento entre a ficção e a realidade proposto por Cândido, Lord Voldemort foi criado de maneira semelhante ao Adolf Hitler. Porém, dando ênfase à impossibilidade de cópia fiel de um modelo real na literatura de ficção, é importante ressaltar que foram encontradas, também, diferenças entre os dois objetos de estudo.

Ambos se assemelham em sua relação com a figura paterna, sua ambição desmedida, e em sua busca por glória pessoal. Os objetivos, entretanto, são diferentes. Lord Voldemort, de forma um tanto quanto egoísta, preocupava-se primordialmente em adquirir o *status* de criatura imortal, que conseguiu a proeza de derrotar até mesmo a morte. Enquanto isso, Adolf Hitler almejava criar – sob sua tutela – uma Alemanha próspera, objetivo mais “nobre”, por assim dizer.

As maiores convergências entre ficção e realidade, entretanto, se dão entre os regimes totalitários. A ideologia de superioridade puro-sangue em muito se assemelha à ideologia antissemita pregada no Terceiro Reich. Podemos observar, ainda, semelhanças entre os movimentos de resistência estudantil da ficção e os reais, bem como o controle

meticuloso da imprensa.

Tendo como aporte teórico as reflexões acerca da prática e da origem do mal, podemos afirmar que ambos, ao praticar o mal, renunciaram ao bom uso do livre-arbítrio, e tiveram como consequência a perda da natureza humana, mais claramente vista no personagem Lord Voldemort, através do uso dos recursos de caracterização utilizados pela autora J.K. Rowling. É possível também identificar traços da teoria do Mal Banalizado tanto na figura fictícia quanto no personagem histórico, embora a falta de consciência que o indivíduo tem do mal que pratica, vista no caso Eichmann, não possa ser identificada em nenhum dos objetos de estudo, uma vez que ambos agiram conscientemente.

Após essas reflexões, podemos afirmar que a teoria a respeito da origem e da prática do mal que melhor se encaixa tanto na figura histórica Adolf Hitler, quanto na figura fictícia Lord Voldemort é a do filósofo Boécio, baseada nas ideias de Santo Agostinho, segundo a qual o mal é praticado pelo homem como desvio do bom uso do livre-arbítrio, e nunca será deixado sem castigo. Através da análise do mal, pudemos observar que as manifestações do mal em Adolf Hitler e Lord Voldemort são semelhantes. Porém, embora o mal nas duas figuras possa ser interpretado em um mesmo viés de análise, não se pode deixar de lado os limites entre o real e o fictício e a impossibilidade de total equivalência.

A partir deste estudo, poderão ser ampliadas as reflexões acerca do Mal Banalizado, verificando em que medida a teoria pode ser aplicada não apenas no principal vilão Lord Voldemort, mas também nos Comensais da Morte. É também possível realizar um paralelo mais completo acerca das outras semelhanças entre a Segunda Guerra Mundial e a saga “Harry Potter”, uma vez que alguns aspectos semelhantes não foram abordados neste trabalho.

Possibilidades de estudos futuros seriam, além do aprofundamento da questão do Mal Banalizado, e do paralelo entre a série literária e a Segunda Guerra, uma reflexão partindo do “Mal-estar na Civilização”, de Sigmund Freud, tanto na obra de ficção, quanto na figura histórica Adolf Hitler, bem como outros estudos de ordem psicanalítica em ambos os objetos de estudo. É possível também realizar uma análise mais profunda da desumanização da figura do personagem Voldemort, bem como a relação simbólica da cobra com o Mal. Além disso, outra possibilidade de estudo envolve maior desenvolvimento da questão dos decretos que restringiam os direitos do povo judeu, bem como sua relação com os decretos que são parte da obra literária “Harry Potter”.

O presente trabalho abre também a possibilidade de um trabalho interdisciplinar, relacionando a disciplina História com a de Língua Inglesa ou Literatura, na qual aspectos

da Segunda Guerra Mundial poderiam ser explicados a partir da saga literária.

Retomando a premissa de Boécio de que nenhuma manifestação do mal pode existir sem consequências, podemos observar que tanto Lord Voldemort quando Adolf Hitler, felizmente, tiveram um fim correspondente à magnitude de seus feitos maléficos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2002.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Boécio. **A consolação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2006.

CÂNDIDO, Antônio; ROSENFELD, A.; PRADO, Décio de A.; GOMES, Paulo. A personagem do Romance. In: CÂNDIDO, Antônio **A personagem de ficção**. p. 51. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FEST, Joachim. **Hitler**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1976.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Centauro, 2001.

LUKACS, John. **O Hitler da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LYUBANSKY, Mikhail. Ordinary Wizards: **The Psychology of Evil in the Harry Potter Universe**. Disponível em: <http://internal.psychology.illinois.edu/~lyubansk/ordinarywiz.pdf>. Acessado em: 25 de setembro de 2015.

NEAL, Connie. **The gospel according to Harry Potter**. Louisville: Westminster John Know Press, 2002

PATRICH, Christopher J.; PATRICK, Sarah K. Exploring the dark side – Harry Potter and the psychology of evil. **The psychology of Harry Potter**. Dallas: Benbella books, 2006.

REAGIN, Nancy R. **Harry Potter and History**. John Wiley & Sons, Inc. 2011.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro. Rocco, 2000.

_____. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro. Rocco, 2000.

_____. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro. Rocco, 2001.

_____. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro. Rocco, 2005.

_____. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro. Rocco, 2007.

SZKLARZ, Eduardo. **Nazismo**. São Paulo: Abril, 2014.

WEED, Jennifer Hart. Voldemort, Boethius and the Destructive Effects of evil – was voldemort a nazi?. **Harry Potter and Philosophy**. Open Court, 2004.

WIKI, Harry Potter. **Tom Riddle**. Disponível em: http://harrypotter.wikia.com/wiki/Tom_Riddle> Acessado em: 03 de novembro de 2015.